



MARLYSON JÚNIO ALVARENGA PEREIRA

**“QUANDO EU PULEI O MURO”:
TRAVESTILIDADES EM CORPOS-EXISTÊNCIAS
APESAR DOS SILÊNCIOS NA ESCOLA**

LAVRAS – MG

2014

MARLYSON JÚNIO ALVARENGA PEREIRA

**“QUANDO EU PULEI O MURO”: TRAVESTILIDADES EM CORPOS-
EXISTÊNCIAS APESAR DOS SILÊNCIOS NA ESCOLA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação - Curso Mestrado Profissional, área de concentração em Formação de Professores, para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora

Dra. Cláudia Maria Ribeiro

LAVRAS – MG

2014

**Ficha Catalográfica Elaborada pela Coordenadoria de Produtos e
Serviços da Biblioteca Universitária da UFLA**

Pereira, Marlyson JunioAlvarenga.

Quando eu pulei o muro : travestilidades em corpos-existências
apesar dos silêncios da escola / Marlyson JunioAlvarenga Pereira. –
Lavras : UFLA, 2014.

99 p.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Lavras, 2014.

Orientador: Cláudia Maria Ribeiro.

Bibliografia.

1. Travestilidades. 2. Corpos-existência. 3. Transformação. 4.
Resistência. I. Universidade Federal de Lavras. II. Título.

CDD – 305.3

MARLYSON JÚNIO ALVARENGA PEREIRA

**“QUANDO EU PULEI O MURO”: TRAVESTILIDADES EM CORPOS-
EXISTÊNCIAS APESAR DOS SILÊNCIOS NA ESCOLA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação - Curso Mestrado Profissional, área de concentração em Formação de Professores, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 25 de novembro de 2014

Dr. Anderson Ferrari UFJF
Dr. Fábio Pinto Gonçalves dos Reis UFLA

Dra. Cláudia Maria Ribeiro
Orientadora

LAVRAS – MG

2014

*Aos meus queridos pais, Maria Aparecida e Laerso, que me ensinaram que
temos sempre de buscar um mundo melhor, eu dedico.*

*Dedico à A... e V... que tanto me ajudaram a construir esta pesquisa com suas
histórias de Amor e Vida. A essas sujeitas do devir, atravessantes de uma corda
bamba, heroínas da tragédia da existência, eu dedico.*

*Dedico a todas e todos que de alguma forma subverteram a norma e fizeram
deste mundo, mesmo que por alguns segundos, um lugar insubordinado.*

*Dedico àquelas e àqueles que trazem o irracional para suas vidas e que, de
peitos em riste, buscam fazer de suas existências, algo menos monocromático,
menos anguloso e reto.*

*Dedico àquelas e àqueles que, com seus falos eretos, “rasgam” buracos, mesmo
que esses sejam da discriminação, do preconceito, da segregação.*

*E, também, dedico a uma pessoa que acreditou em mim e em minha capacidade
de construir esta pesquisa. Que me trouxe falas de incentivo e de esperança. À
professora, Cláudia Ribeiro, eu dedico.*

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer:

Às Deusas e Deuses dos bosques, dos/as pastores/as, dos/as fracos/as e oprimidos/as. Da dança, do riso, da embriaguês. Do irracional.

Ao Prof. Dr. Anderson Ferrari e ao Prof. Dr. Fábio Pinto Gonçalves dos Reis, integrantes da banca, pelas grandiosas contribuições quando da defesa desta dissertação e por terem aceitado o convite em participar deste momento tão especial.

Aos professores, professoras e funcionários do Departamento de Educação pela atenção e carinho.

Aos meus amigos que me ouviram, que me incentivaram e me instigaram a ir em frente, em especial ao Pedro pelas horas e horas gastas ouvindo-me.

À Universidade Federal de Lavras.

Agradeço.

Eu sou o avesso do que o Sr. sonhou para o seu filho. Eu sou a sua filha amada pelo avesso. A minha embalagem é de pedra mas meu avesso é de gesso. Toda vez que a pedra bate no gesso, me corta toda por dentro. Eu mesma me corto por dentro, só eu posso, só eu faço. Na carne externa quem me corta é o mesmo que admira esse meu avesso pelo lado de fora. Eu sou a subversão sublime de mim mesma. Sou o que derrama, o que transborda da mulher. Só que essa mulher sou eu, sou o que excede dela.

Rafael Menezes

RESUMO

No presente trabalho problematizam-se narrativas de travestis sobre suas vidas e sobre o período que passaram na escola. São suas lembranças que evoquei aqui. Histórias de tristezas, de dores e de alegrias, de discriminação e preconceito. Vidas que ousaram se construir em contradição com a norma estabelecida. No entanto, para se fazerem, para desabrocharem como que saindo do casulo e se transformarem, essas usarão de muitas técnicas e estratégias no que chamei de corpos-existência, pois essas constroem seus corpos e se inventam em um eterno devir. Portanto, suas existências passam pela construção desses corpos e se fazem justamente nessa construção. A passagem do menino afeminado à travesti é um processo muitas vezes dolorido, pois uma de suas técnicas é o uso do silicone industrial, o qual é injetado por outra travesti mais velha, revelando, assim, a abjeção desse processo. A transformação é um rito de passagem, é um segundo nascimento. E, assim, fui tecendo a malha que é problematizar suas falas, articulando-as à teoria. Trazer suas narrativas de vida e ir juntamente aos escritos do pós-estruturalismo, pensando essa sociedade, essa escola em que as travestis estão imersas, ou não e tentar repensar essa norma, ou ainda essa heteronorma, como sendo a única forma de expressar desejos e sexualidades. É problematizada toda a abjeção que seus corpos sofrem por descumprirem um padrão, uma linearidade do sexo-gênero-desejo. E dizer que seus corpos inventam uma nova estética do existir. Suas resistências criativas tornam-se estratégicas frente ao biopoder. Portanto, foi para repensar a discriminação e o preconceito; para repensar a abjeção, as violências e a reafirmação da norma pela escola que este trabalho foi feito. Tratei de vidas que ousam enfrentar a heteronormatividade, que ousam viver seus desejos em meio a tantos percalços e intempéries. As narradoras são trazidas como atravessantes da existência, como novas construtoras de si perante um padrão falocêntrico, branco e de classe média e uma escola que ainda se cala em meio a tantas injustiças e violências sofridas pelas/os chamadas/os “estranhos”.

Palavras-chave: Travestilidades. Corpos-existência. Transformação. Resistência.

ABSTRACT

In the present work, we problematized transvestite narratives about their lives and the period they underwent school. It is their memories that I evoke here. Stories of sorrows, of pain and of joy, of discrimination and prejudice. Lives that they dared build in contradiction to the established norm. However, in order to make themselves, to develop as of leaving the cocoon and transform, they will use many techniques and strategies in what I called bodies-existence, for they build their bodies and invent an eternal future. Therefore, their existence undergo the construction of these bodies and are made exactly in this construction. The passage from the effeminate boy to transvestite is a process, most of the time, painful, since one of its techniques is the use of industrial silicone, which is injected by an older transvestite, thus revealing the abjection of this process. The transformation is a passage ritual, a second birth. Thus, I weaved the mesh that is problematizing their speeches, articulating them with the theory. Bring their life narratives and go along with the post-structuralism writings, thinking this society, this school in which the transvestites are immersed or not, and try to rethink this norm, or even this heteronorm, as being the only form of expressing desires and sexualities. All the abjection their bodies suffer for not complying with a standard, a linearity of the sex-gender-desire is problematized. And say that their bodies invent a new aesthetic of existence. Their creative resistances become strategic when facing the bio-power. However, it was to rethink the discrimination and the prejudice; to rethink the abjection, the violence and the reaffirmation of the norm by school that this work was conducted. I addressed the lives that dare to face heteronormativity, that dare to live their desires inside all the difficulties and adversities. The narrators were brought as passengers of existence, as new builders of self, considering a phallogentric, white and of middle class standard and a school that is still silent in the midst of so many injustice and violence suffered by the called "strange".

Keywords: Transvestites. Bodies-existence. Transformation. Resistance.

SUMÁRIO

1 FESTEJANDO COM PLUMAS E <i>PAETÊS</i>: UMA INTRODUÇÃO	10
2 EXPERIÊNCIAS DE AMOR E VIDA	30
3 AS BORBOLETAS DO DEVIR: “SUJEITAS” DA PESQUISA	36
4 A ESCOLA NA FALA DAS TRAVESTIS	66
5 (IN)CONCLUSÕES: ENCONTROS COM O OUTRO QUE DESAFIAM OS SILÊNCIOS	86
REFERÊNCIAS	95

1 FESTEJANDO COM PLUMAS E *PAETÊS*: UMA INTRODUÇÃO

Ainda me lembro do inverno de mil novecentos e noventa e seis. Estávamos nos últimos dias de junho e, conseqüentemente, nos primeiros dias da estação fria daquele ano. Não sei ao certo se fez muito frio nesse ano, mas sei que uma angústia grande se abatia sobre mim. Era uma aula de ensino religioso, mas não se tratava de uma escola católica; era uma escola mantida pelo governo do estado. Naquele tempo, ainda se chamava sexta série. Hoje, penso, seja o novo sétimo ano.

Estávamos nos últimos momentos da aula, pois iríamos entrar no recesso escolar, ou como gostávamos de chamar, as “férias do meio do ano”. Já me sentava no canto da sala, aliás, todas as lembranças desse período são de um mesmo lugar desse ambiente, a última carteira do lado direito, pois, ali não havia muita iluminação e, conseqüentemente, eu poderia passar despercebido.

E não ser percebido foi o que fiz durante grande parte de minha vida escolar, talvez a maior parte. Era um silêncio do medo. Um silêncio de um sofrimento que era apenas meu. Não podia compartilhar com ninguém o meu grande segredo. E foi durante os momentos finais da aula de ensino religioso que a professora anunciou os próximos temas que trataria no semestre seguinte. Entre outros temas surgiu o homossexual.

Ao anunciar esse tema, algum de meus colegas disse: “o *viado* professora?”, o que ela disse: “sim”. Ainda me lembro do pavor que voltei para casa com medo que aquela discussão acontecesse e que, de alguma forma, houvesse alguma referência a mim. Eu devia ter onze a doze anos e foi a primeira vez que tive medo dos olhares, dos comentários, das risadas.

Para minha sorte, prefiro pensar assim, esse tema nunca foi abordado, mas durante todo aquele restante de ano eu vivia com medo das aulas de ensino religioso. O sentimento de culpa, a certeza de ser o errado sempre fez com que o

silêncio crescesse dentro de mim. Eu não queria, eu não gostava, foram palavras repetidas ao infinito, pois dizia o imaginário popular, “se quiser muito uma coisa, ela acontecerá”.

Os tempos se passaram e os anos tornaram o silêncio, outrora preconizado como modelo de vida, em busca para entender esse mesmo. Para entender porque alguns/as recebem nomes “estranhos”. Porque alguns/as são os/as esquisitos/as, “viadinhos”, “sapatões”, “bichas”. Enfim, toda uma classificação de tipos e modelos considerados/as fora de um padrão. Enfim, para entender o próprio padrão.

E, desse modo, ingressei no curso de especialização em educação da Universidade Federal de Lavras e comecei a buscar entender os silêncios criados por esse padrão. Foi durante as discussões feitas neste curso que deparei-me com as travestis. Durante uma disciplina na especialização, foi proposto fazer uma narrativa fílmica e eu resolvi entrevistar travestis. Em especial, uma pessoa me chamava muito a atenção, porque a via sempre exercitar-se em uma avenida plana de uma cidade qualquer destas muitas que existem por aí.

Convidei-a e quis entrevistá-la, porém essa não se dispôs, pois dizia-se muito tímida e não gostava de falar de sua vida. Insisti mas não foi possível. Terminei por fazer outra forma de trabalho. Mas aquela vontade de me aproximar destas que ousam viver, era muito grande. Sua coragem em assumir um desejo deixava-me cada dia mais interessado em suas vidas. Uma figura, em especial, causava-me grande fascínio, era uma travesti de minha cidade que sempre nas celebrações da Páscoa ia às procissões de vestido, com um véu a cobrir sua cabeça. Aquela figura parecia causar espanto nas senhoras que, também, acompanhavam tal celebração. Mas ela continuava, impassível, determinada a seguir os passos da procissão.

É desta coragem de ousar que falo. Desta vontade de ser o seu desejo, de ousar usar o véu em uma celebração milenar. Ela dizia em seu silêncio

meditativo para todos/as que quisessem ver, que ela, também, tinha o direito de estar ali. São essas vidas que gostaria de mostrar. E aqui eu posso mostrar o resultado de experiências narradas. De histórias de dor e esperança. De alegrias e tristezas. De generosidade e preconceito. De discriminação e violências. Mas, ainda, falta algo a dizer sobre como cheguei até essas borboletas do devir.

Um dia deparei-me com um documentário, intitulado “Amapô”¹. Esse, em terceira pessoa tratava de uma travesti de nome Sandra, que por ousar enfrentar o padrão, fora brutalmente assassinada. Com doze facadas, Sandra é morta de uma forma hedionda.

Amapô ajudou-me a pensar melhor no outro. Sandra é trazida de uma forma toda especial. Suas características boas são ressaltadas e os estereótipos são esquecidos. Amapô me fez pensar mais juntamente deste outro/a que é também parte de mim. Deste outro/a que se junta a mim. Seja no silêncio de outrora, seja nos xingamentos de antigamente. Talvez porque partilhemos sofrimentos mesmos? Mas não choramos juntos/as. Esta dor de não chorar junto a estas, de não poder livrar Sandra de seu algoz, faz-me escrever estas linhas? Mas será que me sinto melhor por isso?

Amapô mostrou-me que é vivendo que as travestis resistem. Que é no jogo do mostrar-se e esconder-se que elas vão driblando a norma. Norma essa que se põe para nós na figura do homem, branco, de classe média, heterossexual, macho. Assim todos os modos de vida que não são esses de alguma forma sentirão esta norma ditando suas regras. Distribuindo suas classificações, taxando os sujeitos. Mas, os sujeitos encontram um modo de viver. E aqui está a grande questão: suas corajosas existências, ou seu viver inclassificável, suas travessias sempre a se construir.

¹ Documentário do diretor Kiko Goifman, com duração de 12 minutos, produzido no Rio de Janeiro pela X-Brasil. Disponível em: <http://portacurtas.org.br/filme/?name=amapo>.

Amapô faz pensar nestas que, por viverem suas vidas, por desejarem enfrentar a norma, acabam ficando pelo caminho. Caminho esse que parece somente ter uma única forma, um único jeito de segui-lo. Mas foi em Amapô que percebi que apesar de, os sujeitos, ou aqui, “as sujeitas”, vivem, sobrevivem. Amapô mostrou-me o outro e suas vivências. Um outro que está em mim. Que se constitui a partir de mim, portanto o outro passa por mim, me toma, me toca, me penetra, me possui. Esse outro que muito mais que esperma, ele deixa em mim a marca daquilo que sou. Sua parte, sua dor, sua tragédia. Amapô possuiu-me de uma forma que não quis mais deixá-la. Cabia a mim problematizar os sofrimentos mesmos, os xingamentos mesmos, o estupro mesmo. Problematizar esse outro que é parte de mim, não no sentido moderno, como meu pensamento. Mas um outro que é diferença por identificar em mim a diferença (GALLO, 2012). Quando falo de xingamentos mesmos, penso no medo de ir à escola e se iriam chamar-me de nomes que não gostava. Se iriam olhar-me e mostrarem em seus “risinhos” perversos todo o peso imposto por uma norma que espalha sua teia de poder na desqualificação daquilo que foi criado para ser o “anormal”. No entanto, aprendi com Amapô que é preciso enfrentar, é preciso resistir. E novamente, será que escrever essas linhas me faz resistir? Faz-me enfrentar os “risinhos” e toda a violência imposta pela norma? Quero pensar aqui “o outro que está inclusive no eu” (GALLO, 2012, p. 9). Não o outro que é representado por mim como nos mostrou Descartes, que nesse caso, esse outro seria uma mera representação da minha consciência, pois o outro é pensamento. Falo de um outro que é parte fundante do eu. Deste eu, que busca na construção deste trabalho, na experiência do silêncio, do meu silêncio de outros tempos na escola entender esse mesmo silêncio. Falo de um outro que também sou eu. Sou eu porque ao adentrar as histórias das travestis entrevistadas e de outras, tantas outras em livros e filmes, hoje o meu eu é construído, também, por essas experiências. Assim afirmo, o meu eu passa pelo eu do outro, aqui no caso, da

outra, das travestis. Pois, não sou mais eu sem dizer deste outro. A minha experiência é penetrada pela experiência travesti, pela experiência do outro.

Ao ingressar no mestrado em educação, pela Universidade Federal de Lavras com a proposta de estudar essas corajosas borboletas do devir. E estudá-las na escola. Perguntar-lhes o que tinham a me dizer sobre esta instituição considerada tão fundamental em nossa sociedade. E, deste modo, cheguei ao objetivo mais geral que é problematizar vivências de duas travestis em relação ao contexto escolar, de um município do sul das Minas Gerais. Ou seja, queria ouvi-las sobre suas vivências dentro desta instituição e problematizar suas falas a partir de Michel Foucault (1988, 1994, 2014).

E como outros dois objetivos menos gerais e mais específicos captar e analisar esses enunciados e observar aspectos relacionados ao corpo destas. Pensando este corpo, como corpo-existência, como corpo que se faz justamente na construção deste mesmo corpo. Um existir que passa por uma materialidade-devir, ou seja, uma vida que se materializa neste corpo que nunca está pronto, que está sempre a se construir; um corpo que é todo mudança, que é metamorfoseado nas plásticas, nos hormônios, nos trejeitos, nas formas assumidas, nas técnicas usadas para resistir ao masculino e para construir um feminino travesti.

E para pensar esta escola, devo pensar esta sociedade, devo pensar esta norma que tem nesta instituição um dos pontos de disseminação de suas regras. Um dos pontos, porque a concepção de poder aqui seguida é tomada em Michel Foucault. “O poder não é uma mercadoria, uma posição, uma recompensa ou uma trama; é a operação de tecnologias políticas através do corpo social” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 243). E pretende-se aqui pensar essas tecnologias do poder manifestando-se na instituição escola. Pois,

quando essas tecnologias encontram uma localização em instituições específicas (escolas, hospitais, prisões) [...] quando as tecnologias disciplinares, estabelecem relações entre esses aparatos institucionais, a tecnologia disciplinar é realmente eficaz (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 243).

Dreyfus e Rabinow (1995, p. 245), também, afirmam que a escola não é apenas disciplinadora, mas muitos de seus aspectos foram mudados a partir da “introdução da tecnologia disciplinar”. Assim o poder não opera como uma superestrutura, mas pulverizado em todas as relações. E é deste modo que o sujeito vai se fazendo em meio a essas tecnologias do poder. Vejamos uma passagem do romance, *A inevitável história de Letícia Diniz*, de Pedreira (2006), onde esse traz como sua protagonista uma travesti de nome Letícia Diniz. Pedreira (2006, p. 9) abre o romance narrando o menino que um dia irá se tornar a poderosa Letícia Diniz, vestindo as roupas da irmã: “A calcinha de algodão, bem cavada, sua preferida”. No entanto, o frenesi do momento não o deixa perceber a chegada do pai que, ao vê-lo de calcinha e sutiã, começa a espancá-lo. “Uma saraivada de socos e pontapés contra o rosto, o estômago, as costas” (PEDREIRA, 2006, p. 10).

“- Veado! Veado de merda! É pra isso que a gente cria um filho?! É isso que você quer ser?! É?! Então é bom aprender desde já como é bom ser um merda de um veado” (PEDREIRA, 2006, p. 10). Mas as agressões apenas começam e é quando o pai vai até o toucador e pega uma escova usada para pentear os cabelos. Joga o filho na cama fazendo com esse fique de quatro e com uma estocada forte, enfia no ânus do filho a escova, de uma só vez.

-Toma, veado! É disso que você gosta?! É?! Então pára de chorar e dá um sorriso, filho-da-puta! Diz que quer mais! Diz que ta gostando! Enquanto você não disser que ta gostando eu não paro, ta me ouvindo?! Diz que quer mais! Diz que tá gostando de tomar nesse cu de veado (PEDREIRA, 2006, p. 11)!

E depois expulsa o filho de casa: “arruma tuas coisas, some daqui e nunca mais aparece nessa casa. Nunca mais quero te ver na minha frente, veado escroto” (PEDREIRA, 2006, p. 11). É com essa cena que Pedreira (2006) abre seu romance. O estupro de Letícia por seu pai. E, assim, Letícia Diniz irá se fazer, em meio a todas essas tecnologias do poder que disciplinam, que docilizam, que corrigem, que causam dor, sofrimento. Ao decorrer do romance iremos perceber que Letícia se tornará uma travesti famosa, “europeia²” (PELÚCIO, 2005, p. 99). Conquistará fama e dinheiro com a prostituição e na atuação em filmes eróticos. Terá uma curta vida de notoriedade entre as outras travestis, pois Letícia morrerá bem cedo, de amor. Essa é uma personagem inspirada na vida real. E, como ela, tantas outras protagonistas da existência são desta forma abusadas, violentadas, na tentativa do poder em produzir corpos governáveis; em corrigir qualquer diferença que coloque em xeque a normalidade. No entanto como aqui o poder é visto por meio de relações, de jogos, vejamos nas falas de Kulick (2008, p. 49), sobre as travestis de Salvador:

Até o início dos anos 90, as travestis saíam à noite para as ruas sem saber se voltariam no dia seguinte. Elas podiam ter quase certeza, no entanto, de que seriam presas pela polícia militar ou pela DJC³. Em qualquer um dos casos as prisões não estavam em absoluto dentro da legalidade: prostituição não é crime no código penal brasileiro, e sobre as travestis detidas não pesava nenhuma acusação (a não ser em algumas ocasiões quando elas eram acusadas de crime de “vadiagem”). Travestis detidas pela polícia civil eram levadas ao xadrez, onde passavam uma noite – e às vezes duas ou três noites – até serem liberadas. Mas quando eram detidas pela polícia militar e sobretudo quando eram recolhidas pelo camburão do batalhão de choque, passavam

² Europeias são as travestis que conseguem sair do país, indo trabalhar em países europeus. E para isso elas precisam conseguir uma transformação muito apurada, como intervenções cirúrgicas e ingestão de hormônios.

³ “Delegacia de jogos e costumes – um tipo de esquadrão antivício, que funcionava no âmbito da polícia civil da Bahia e foi extinta no início dos anos 1990” (KULICK, 2008, p. 48).

frequentemente por sessões de tortura. Eram jogadas dentro da caminhonete, levando pontapés incontáveis e sendo esmurradas por seis ou oito policiais, que rodavam com elas dentro do carro, não para conduzi-las à delegacia, mas para a praia do Flamengo, um local então deserto, distante uns 45 minutos de Salvador. Durante o percurso, os policiais faziam brincadeiras sádicas com as travestis – a principal era obrigar que elas se beijassem na boca até o fim do trajeto. Outro divertimento consistia em mandar que uma travesti colocasse as costas da mão sobre a cabeça de outra travesti sentada ao lado. Um policial então batia o cassetete com toda a força sobre a palma da mão da primeira. Se esta retirasse a mão num reflexo, o cassetete atingia em cheio a cabeça da outra. Chegando à praia, os policiais desciam e formavam um corredor polonês. Então, faziam as travestis descerem do carro, uma a uma, passando no corredor em meio a chutes e pauladas de cassetete. [...] O grand finale desse espetáculo de horror e brutalidade consiste em ordenar às travestis que tirem suas roupas e lutem entre si. A cena de um grupo de travestis nuas, estapeando-se, era iluminada pelos faróis do camburão e contemplada pelos policiais, que riam e debochavam delas. Então, a polícia finalmente ia embora, e as travestis eram deixadas no local, tentando encontrar o resto de suas roupas em completa escuridão, precisando ainda achar um meio de voltar à cidade.

Segundo Kulick (2008), essa violência diminuiu um pouco, mas ainda é considerada muito alta. Ele relata que, durante sua pesquisa, saía em incursões pela noite no “campo de Batalha” das travestis, ou seja, em avenidas movimentadas de Salvador, onde essas se prostituem, ele presenciou algumas vezes a violência de policiais, tendo de fugirem, ele inclusive, correndo daquele lugar. E segundo Kulick (2008), sem motivo algum.

Porém, mesmo esse poder que parece ser unilateral, autoritário, não dando a chance ao sujeito de se defender, as travestis, em macabras resistências, veem-se obrigadas a irromperem lastimáveis formas de fugirem de toda essa violência, porém, de uma forma ainda mais violenta. Vejamos:

No passado, a reação mais eficaz consistia em abrir um corte na veia do antebraço e borrifar o próprio sangue no policial. Elas têm a preocupação de manter uma gilete escondida em alguma parte do corpo, sempre. Algumas vezes a lâmina desliza entre o lábio superior e os dentes, ou então é cuidadosamente alojada na bochecha. Quando são presas sem gilete à mão, tentam usar qualquer coisa cortante que encontram pela frente. Certa vez me contaram a história de uma travesti que teria quebrado a tampinha plástica do frasco de esmalte, utilizando o caco para escarificar o braço. O policial recuou ao vê-la empapada de sangue, e ela conseguiu escapar da delegacia antes de ser posta no xadrez (KULICK, 2008, p. 50).

Aqui percebemos o macabro jogo de resistência dessas travestis que, para fugirem da violência dos policiais, mutilam-se, “cortam-se”, dilaceram seu braço e ameaçam borrifar seu próprio sangue nos policiais, esses, com medo do sangue, desistem de prendê-las. “Desde que ficou claro que o HIV é transmitido pelo sangue, ‘se cortar’ passou a ser um meio ainda mais eficiente de se livrar da polícia e da cadeia (KULICK, 2008, p. 50). É neste jogo de viver ou morrer que ainda se encontram muitos indivíduos, e muitas travestis. Kulick (2008) relata que a violência cometida por policiais diminuiu em relação às travestis de Salvador. E que, hoje, as travestis com menos de trinta anos não conhecem a mutilação, elas fogem e dizem que procurarão a imprensa, mas os policiais as ameaçam: “Faça isso, que da próxima vez que eu te encontrar na rua, eu te mato” (KULICK, 2008, p. 51).

E assim vão se fazendo nessa travessia da vida. Lutando por suas sobrevivências em meio a uma norma que as desqualifica e que, ainda hoje, tenta de todas as formas destruí-las. Esses são os jogos do poder que, mesmo em relações extremamente desiguais, como nas trazidas acima, há resistência. E essas necessitam ser contadas, para podermos pensar que alguns sujeitos sobreviveram aos desmandos macabros da norma. O ato de se mutilar para “espantar” os policiais que as iriam torturar, bater e talvez até matar, revela uma

espantosa resistência. Uma grande vontade de viver. Kulick (2008) relata que uma de suas interlocutoras disse que, mesmo sofrendo toda essa violência, se os policiais as deixarem vivas, elas no outro dia, estarão lá, “na batalha”, com o braço enfaixado, com o resto de cabelo bem escovado, porque eles cortavam os cabelos das travestis e, com o pedaço de unha que sobrou pintado, porque os policiais arrancavam suas unhas.

Esse é o jogo do ganhar ou perder, mas também das possibilidades. Por isso Foucault (1988) mostra-nos os acontecimentos, o irromper dessas resistências, assinalando a não linearidade do poder, a não unilateralidade, mas a sua circulação.

E assim temos que resistência em Vilela (2006) é acima de tudo, criar. Para não ser engolido/a e sobreviver ao poder é necessário usar de muita criatividade e inventividade para viver em uma sociedade que investe de um poder sobre o corpo das pessoas. Na sociedade disciplinar, o poder existe para governar os corpos e fazer emergir discursos que coloquem esses corpos dentro de um padrão: de sexualidade correta, de uma conduta que seja procriadora. No entanto, ao dizer sobre o sexo, ao criar discursos “normais”, criam-se os discursos “anormais”. Cria-se o centro e a margem, mas investe-se nas margens para se manter o centro. E todas estas sexualidades aberrantes terão de criar estratégias para suas sobrevivências dentro destas amarras do poder. Se agora muitas formas de prazer serão escrutinadas pela ciência nascente do sexo, elas terão de usar a circulação do poder e tentar de baixo para cima buscar seus lugares ao sol.

De baixo para cima, porque desde seu nascimento, por volta do século XIX, segundo Foucault (1994), o adestramento sempre esteve presente. Aliás, essas sexualidades “despropositadas” são criadas para serem controladas. Na tentativa de saber a verdade sobre os corpos esses são inventados. À medida que os discursos vão se dizendo, vão inventado aquilo que fazem emergir.

É dessa sociedade que tem na escola uma função disciplinar reguladora que falo. E dessa escola que se encontra nessa sociedade. E assim, procurei pensar os discursos das travestis sobre a escola. O que essas me disseram sobre suas vidas e sobre seu período passado na escola? Passado, porque ouvi pessoas que estavam fora da escola. Foram suas experiências que evoquei aqui. Experiências de suas vidas. Experiências que as subjetivaram, que as fizeram enquanto sujeitos. Portanto lido com suas experiências singularmente construídas nas relações com o mundo e todos os aparatos de poder que constituem esse mundo. Lido com seus jogos de existir, suas formas de interpretar a norma e de fugir dela. A experiência de construção de seus corpos como um jogo que, ora opera com a norma, ora a subverte. É nesse vai e vem, sobe e desce, entra e sai que estão suas subjetividades.

E falar de subjetividades é falar de um processo dirigido à geração de modos de existências, ou seja, modos de agir, de sentir, de dizer o mundo (TEDESCO, 2007, p. 140).

Portanto, foram seus modos de estarem neste mundo, de sentirem este mundo, de perceberem este mundo que evoquei aqui. Suas falas foram trazidas para dizer de seus silêncios, de seus sofrimentos e violências. Mas também de suas alegrias, de seus amores e desamores e das subjetivações que aconteceram apesar da escola.

Pedreira (2006) traz sua Letícia Diniz se fazendo, apesar da escola. Mesmo com todos os cuidados do tio, que depois do abuso pelo pai, e da expulsão de casa, acolhera o ainda menino que um dia iria se tornar Letícia. Promovia uma rígida educação. Tio Cristina, como assim se chamava, parecia ter encontrado um sentido para sua vida, “zelava para manter seu protegido o mais afastado possível do mundo cão onde chafurdava” (PEDREIRA, 2006, p. 22).

- Dona Cleide me disse que te viu na rua, ontem de manhã, bem na hora do colégio. Não, não precisa me dizer nada. Só vou te dar um aviso. Um aviso que vai ser o primeiro e o último: se te pegar de novo de vadiagem, a coisa vai ficar feia pro teu lado, ta me ouvindo?! Veado tem que estudar dez vezes mais, tem que ser dez vezes mais inteligente pra vencer na vida (PEDREIRA, 2006, p. 22).

Mas o zelo de Tio Cristina não foi o suficiente para que o menino que um dia iria se tornar Letícia, não se encantasse pelo mundo do tio, o mundo das travestis. A transformação em Letícia foi acontecendo aos poucos. Desde a primeira injeção de Perlutam, o hormônio com o qual iria transformar seu corpo, o garoto ia aos poucos vendo os resultados. Vendo suas formas modificando-se. Os seios começando a despontar, a gordura acumulando-se nos glúteos. Aos poucos suas formas iam se transformando e na escola isso não passava despercebido.

Tornara-se a grande atração do colégio, uma aberração que provocava nos meninos impulsos ambíguos. No banheiro masculino, obrigavam que exibisse os seios e pagasse boquetes, sob ameaça constante de porrada. Alguns mais ousados roubavam até mesmo românticos beijos na boca. No pátio e pelos corredores, no entanto – diante da audiência de meninas de nascença -, externavam apenas cruel desprezo, perseguindo-o com zombarias e xingamentos. “Joga bosta na Geni” adoravam cantar (PEDREIRA, 2006, p. 77).

Até que o menino vai procurar o diretor da escola para contar sobre as ofensas que vinha sofrendo. Mas esse foi calado, quando o diretor “abaixa as calças e esfrega o pênis ereto” na boca do menino. “Põe na boca, põe... Eu sei que você gosta...” (PEDREIRA, 2006, p. 78). O menino sai correndo e vai para casa, desesperado e nunca mais coloca os pés em uma escola. Agora sua escola será outra. Será essa, da “batalha” de toda noite. Serão, ainda, os ensinamentos da pista, as dicas de outras travestis sobre a maneira de se vestir para “fisgar” o

cliente. Letícia, que escolheria esse nome, subjetivar-se-ia longe da escola. Longe daquele lugar que não a quis. E se tornaria Letícia Diniz, “a travesti mais linda e bem sucedida da atualidade” (PEDREIRA, 2006, p. 210). Para isso iria para o Rio de Janeiro e trabalharia na prostituição. Como era muito bonita e feminina, fora para a Europa onde conquistaria fama e dinheiro.

Assim como Letícia, essa personagem da ficção com forte inspiração na vida real, as travestis que problematizo nesta pesquisa, também, subjetivam-se fora da escola. Pois, como Letícia, também, sofrem humilhações, também, são xingadas, ofendidas e desprezadas por essa escola que teima em não aceitar o diferente. Suas histórias, suas experiências, são imbricadas com de outras travestis. As trazidas por Benedetti (2005), Kulick (2008), Pedreira (2006) e Pelúcio (2005, 2009).

E, como metodologia desta pesquisa, utilizo-me da história de vida. Porém, em razão do tempo e esse foi um grande percalço a ser superado, não fiz uma história de vida completa, integral. Mas uma história de vida mais “tópica”, ou seja, “que focaliza um determinado setor da experiência em questão” (MINAYO, 1993, p. 73). Suas experiências com a escola e suas experiências depois de suas transformações. Porém como estamos lidando com sujeitos, com subjetividades, algumas lembranças não foram exatamente deste período, mas todas foram ligadas à questão de sua sexualidade. Aos sofrimentos passados por serem garotos femininos, a palavras ofensivas, por mostrarem no corpo, mesmo que ainda como meninos, por meio de trejeitos femininos, ou uma voz que fosse mais fina.

E o tempo foi um grande obstáculo, em razão de, em parte, aos trâmites legais de aprovação do projeto em um comitê de ética em saúde. Toda a burocracia no preenchimento de uma plataforma que pouco se adequava ao que pretendo fazer. Campos sem sentidos para a educação. E foram tempos e mais tempos de erros, de cancelamentos e, finalmente, de pendências. Como

encontraram pendências, como criticaram uma linguagem que pouco conheciam. E, novamente, o medo do tempo. Agora não mais era com uma plataforma sem sentido, mas com linguagens que pouco diziam e que muito me impediam de continuar. Como decifrar toda uma linguagem técnica demais que me deixava tão longe das histórias de vida, das histórias que traziam experiências, que traziam sofrimentos e alegrias? Das histórias das travestis?

Foram muitos maços de cigarros, muitas velas acessas, muitos incensos queimados, enfim, um tempo precioso que poderia ter sido aproveitado de outra forma. Mas estas são as malhas do poder. Estes são os entraves de um tempo que o próprio tempo é, também, disciplinador e regulatório. De um tempo de muitas exigências, de um tempo de muitos afazeres e de um tempo que parece não ter tempo para pensar-se a si mesmo. São muitas plataformas, são muitas pendências e pouco é o tempo.

No entanto, foi em uma sexta-feira de carnaval. *Pierrot, Arlequim e Colombina*⁴ já estavam “no meio da multidão”. Foi quando tive minha tão esperada notícia que tinha conseguido resolver as pendências do comitê de ética em saúde. E, então, enchi-me de adereços carnavalescos, dentre esses, plumas e *paetês*. Era uma grande homenagem às minhas futuras entrevistadas.

E, assim, depois da grande euforia, peguei meu gravador e fui atrás das “sujeitas” da minha pesquisa, com as devidas desculpas às normas cultas e aos padrões gramaticais da língua. Aliás, ninguém melhor do que as entrevistadas para poder chamar de “sujeitas”. Para poder remexer nos padrões cultos, nas normas, nos métodos. Como falar em travestilidades sem inventar conceitos, sem criar novos modos, sem, de alguma forma, ousar? Não vejo justiça em trazê-las com enquadres, com modelos pré-estabelecidos, com visões pré-

⁴ Personagens de um estilo literário, conhecido como *Commedia dell'Arte*, nascido na Itália no século XVI. Disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/quem-sao-o-pierro-o-arlequim-e-a-colombina>

formadas. Elas me lembram o in-classificável. Não porque não tenham uma classificação, mas porque não precisam.

E, deste modo, fui aos seus encontros para fazer uma entrevista de história de vida. Para ver nesses sujeitos a existência manifestando-se em corpos que se fabricam em um eterno devir. E, assim o foi, entrevistas alegres, juntamente com partes tristes de suas vidas.

No entanto, para entendermos melhor a história de vida, eis uma definição:

A história de vida, [...] se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. [...] Através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar (QUEIROZ et al., 1988, p. 20).

E foi o que se tentou fazer, trazer suas histórias de vida, mesmo que não histórias de toda vida, mas um pouco mais focal, abordando suas relações com a escola e na escola. Como dito em Humerez (1988), o significado que os sujeitos constroem se dão na encruzilhada entre o eu, o outro e o mundo.

E essa metodologia foi propositalmente escolhida, pois “quem decide o que vai relatar é o narrador, diante do qual o pesquisador deve se conservar tanto quanto possível, silencioso” (QUEIROZ et al., 1988, p. 21). As travestis falaram de suas experiências, de suas vidas perante uma sociedade que as colocam como inferiores.

No entanto, como a escola está dentro desta sociedade, foi trazido para o texto falas que narram suas vidas para além da escola. Falas que trouxeram preconceito, dor, exclusão, sofrimento. Mas, também, amores, desilusões, alegrias, prazeres. Falas sobre aceitação da família, ou não. Falas sobre a profissão, sobre suas amigas travestis. Enfim, falas de uma vida.

Falas essas de duas travestis, A... e V...⁵ que opto por colocar as iniciais de Amor e Vida. Amor porque esta relata sua vida de uma forma apaixonada, trazendo o outro em seu relato e se mostrando amena aos sofrimentos passados, aos abusos relatados, à discriminação sentida. Essa deixa transparecer sempre os olhares discriminatórios, taxativos. Mas trouxe histórias de outras amigas, trouxe um se preocupar com as violências sofridas por suas amigas, também travestis. Parecia alguém que, apesar de tudo passado, hoje se constrói melhor. Várias vezes diz que “antigamente era muito difícil, mas hoje está mais fácil”.

Pedreira (2006) traz, em sua narrativa, a história de uma travesti mais velha de nome Dona Gorda. No entanto, para que cheguemos à Dona Gorda é necessário voltar a um fato da história. Letícia, ao ser descoberta por Cristina, após o episódio com o diretor da escola, é questionada por seu Tio: “- Se você pretende nunca mais botar os pés num colégio, vai fazer o que da vida” (PEDREIRA, 2006, p. 78)? E, assim, Tio Cristina conta de uma amiga, também, travesti que tinha feito a vida no Rio de Janeiro e que acabara de voltar a Porto Velho, pois o início do romance se passa na capital do estado de Rondônia. E, assim, Letícia embarca, junto com sua amiga Alicinha, rumo ao sonho de conseguir dinheiro e fama no Rio de Janeiro. Lá chegando vão morar no hotel de Dona Gorda. “Dona Gorda emanava força e carisma irresistíveis. Era, de fato, uma personalidade luminosa, talhada para a liderança, pensou Letícia” (PEDREIRA, 2006, p. 89). O hotel de Dona Gorda como gostavam de chamar “não passava de um casebre abrigando três quartos mínimos na rua Taylor” (p. 31). Mas era muito disputado pelas travestis pela proximidade do mais famoso ponto de prostituição de travestis do Rio, a rua Augusto Severo.

Dona Gorda era “uma espécie de protetora das travestis” (PEDREIRA, 2006, p. 91). Essa tinha montado uma associação para ajudar outras travestis. Aqui Dona Gorda fala:

⁵ Iniciais de nomes fictícios que são: Amor e Vida.

Vocês não têm ideia do que era ser travesti há vinte, trinta anos. Ih, nem te conto, menina... (*referindo-se a Leticia Diniz, na conzinha do hotel, durante o café da manhã, quando elas se conhecem*). Era um salve-se-quem-puder, uma selva, uma terra de ninguém... Valia a lei do mais forte. Não existia respeito nem mesmo entre as próprias travestis. Era um tal de uma agredir a outra, roubar dinheiro da outra, dos clientes, fazer escândalo na rua... Foi daí, desses tempos, por causa do nosso próprio comportamento, que surgiu essa fama de que travesti é uma raça de marginais. Cada noite que você saía pra pista, não sabia se ia voltar viva. A polícia, então, tirava o couro da gente, tratava a gente feito animal, quer dizer, pior do que animal... Cansei de ser levada pro batalhão, obrigada a pagar boquete de graça pra topa inteira, a lavar o chão do pátio, as privadas dos banheiros, e ainda me enchiam de porrada no final [...] Mas hoje em dia não tem mais nada disso. Você não vê mais travesti se esfaqueando na rua. Pode até acontecer, mas, se acontecer, a culpada é expulsa do bairro no dia seguinte. Existe um código de comportamento hoje em dia, um regulamento para poder trabalhar aqui. Nada de briga, nada de bicha desfilando nua pela rua, nada de bicha fazendo escândalo de madrugada e incomodando a vizinhança, nada de bicha extorquindo bicha, nada de bicha roubando dinheiro dos clientes, nada de bicha *junkie* viciada em drogas... E sabe a quem se deve tudo isso minha querida? A Dona Gorda que vos fala. Fui eu, com a ajuda do meu saudoso marido que coloquei ordem nessa zona, unifiquei o trono, o poder entende? Foi uma verdadeira guerra de gangues [...] Todas as travestis que trabalham hoje nos pontos da Lapa e da Glória pagam uma diária pra mim. Parte dessas diárias vai pro meu bolso, não vou negar, porque que mereço, lutei muito para isso, adoro dinheiro, viver bem. Parte vai pra caixinha da PM, pra proteção de vocês, e parte vai pra essa associação de travestis que criei, que cuida das bichas doentes [...], distribui cestas básicas pras mais pobrezinhas, ajuda as novatas a tirar documentos, a abrir conta em banco e um monte de outras coisas... [...] Oxalá Deus tenha a bondade de me dar muitos anos de saúde pela frente, pra eu poder encaminhar ainda muitas bichas pro sucesso e salvar outras tantas do abandono, da miséria total (PEDREIRA, 2006, p. 92-93).

Esse relato de Dona Gorda, uma das personagens de Pedreira (2006), faz-nos pensar, a partir da fala de A... *antigamente era muito difícil, mas hoje está mais fácil*, em todos os esforços do movimento social para a conquista de direitos. E podemos citar aqui a portaria número 233 de 18 de maio de 2010, onde o ministério do planejamento, orçamento e gestão, resolve que “Art. 1º Fica assegurado aos servidores públicos, no âmbito da Administração Pública Federal, direta, autárquica e fundacional, o uso do nome social adotado por travestis e transexuais” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS - ABGLT, 2014). Além de muitos avanços em torno da discussão LGBTT (lésbicas, gays, travestis, transexuais e transgêneros) que tem seu início no final dos anos setenta do século XX. “No final dos anos 70, o movimento ganha mais força: surgem jornais ligados aos grupos organizados, promovem-se reuniões de discussão e de ativismo” (LOURO, 2008, p. 32). Um desses jornais, talvez o que vai marcar o nascimento do movimento homossexual no Brasil, é o jornal “O Lâmpião da Esquina”, em 1978. E, assim, o movimento de travestis e transgêneros está diretamente ligado ao surgimento do movimento homossexual no Brasil. No entanto, mesmo as travestis estando, desde seu surgimento, ligadas ao movimento homossexual na reivindicação de direitos, estas não eram contempladas, muitas vezes, nas pautas do movimento.

A história do movimento de travestis e transexuais está diretamente relacionada à pandemia de HIV/AIDS que se abate sobre o mundo. E, em 1992, observa-se uma movimentação de travestis para a construção de uma rede nacional

que proporcionasse uma articulação política dentro do cenário nacional [...]. No ano seguinte acontece o Primeiro Encontro Nacional de Travestis, Transexuais e Liberados na luta contra a AIDS - ENTIL/AIDS (LINO et al., 2011, p. 6).

Este encontro objetava uma interlocução entre os diversos segmentos do movimento de travestis e transexuais do país, a fim de buscarem uma pauta de reivindicações que fosse nacional.

Os ENTILAIDS tiveram início 1993, na cidade do Rio de Janeiro, por iniciativa de uma travesti chamada Jovanna Baby, tendo como ponto de partida o enfrentamento à pandemia da AIDS, de modo a construir respostas das travestis brasileiras à prevenção do HIV/AIDS (PERES, 2006, p. 1).

E, com base nesses encontros, em 1995 é fundada a associação brasileira de gays, lésbicas e transgêneros – ABGLT. E, finalmente, em 2000, em Porto Alegre, é fundada articulação nacional de transgêneros, “que depois se tornaria a articulação nacional de travestis, transexuais e transgêneros – ANTRA” (LINO et al., 2011, p. 6). Todas essas articulações do movimento social de travestis e transexuais têm como objetivo a livre orientação sexual e identidades de gênero, bem como a criminalização na legislação nacional de crimes como transfobia, por exemplo. E essa reivindicação passa a ser, necessariamente, segundo Peres (2006), pelo reconhecimento da pessoa travesti. Toda estigmatização sofrida por essas pessoas, o abandono pelos órgãos do estado, fez com que elas se organizassem e gritassem por seus direitos. Como Dona Gorda que funda uma associação para lutar contra o esquecimento das travestis. No entanto, muitas conquistas já aparecem no cenário nacional:

em Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Amazonas, Mato Grosso do Sul, Piauí, Pará, Paraíba, Alagoas e Maranhão, já constam com legislação que coíba a prática discriminatória por orientação sexual e identidade de gênero (dados ABGLT⁶) além de 112 leis municipais. E outros avanços também foram conseguidos, por exemplo, em algumas cidades a permissão

⁶ Disponível em: www.abglt.org.br/port/leis_os.php.

às travestis de usarem os nomes sociais em suas identidades, segundo traz a ABGLT em editorial, São João del Rei - MG é uma destas cidades (PEREIRA, 2012, p. 41).

E se antigamente era difícil e hoje está melhor, é o que podemos notar na fala de outra travesti ouvida por mim. Essa é mais nova que A... . Porém em seus relatos, também, aparecem histórias de violência, de humilhações na escola, de xingamentos e ofensas.

V... de vida, mostrou-se, também, muito prestativa e atenciosa já nos primeiros contatos. Suas histórias trazem alguém mais próxima da família. Morou com a mãe durante muitos anos de sua vida. Disse ter pouco tempo que mora sozinha. Denominei-a de vida porque suas histórias me lembravam arrebatamento. Sua vaidade, sua preocupação com gestos femininos, a entonação da voz. Aliás, neste dia, disse-me que estava levemente afônica, por causa de uma festa de que tinha participado. V... por ser mais nova que A..., disse ter 32 anos, enquanto A... disse ter 43 anos, falou-me muito dos “bofes”⁷, da vontade em colocar ainda este ano a prótese de silicone.

⁷ Denominação para homem, namorado, amante.

2 EXPERIÊNCIAS DE AMOR E VIDA

Aqui problematizei experiências de Amor e Vida. Não como um dado passível de análise, ou com sentidos já pré-estabelecidos. Suas falas são trazidas para pensarmos neste sujeito universal, falocêntrico, heteronormativo. Suas memórias foram revisitadas para que pudéssemos re-pensar as violências que esta norma tem criado e propagado.

E para tal intento optei por fazer um “zigzaguar” (MEYER; PARAISO, 2012, p. 17) entre as narrativas de vidas e a teoria que adotei durante esta escrita. E como conceituação os escritos pós-críticos nascidos a partir de Michel Foucault (1988, 1994).

Eu o fiz entretecendo as experiências das narradoras à teoria e, assim, construindo uma teia metodológica, mas ao mesmo tempo “estranhando” a metodologia. Segundo Meyer (2012, p. 15), “a maior parte das correntes teóricas denominadas pós-críticas não se referem a um método de pesquisa no sentido usual do termo”. Mas vai se construindo ao longo do percurso. Um percurso que, propositalmente, faz-se mais livre, talvez, porque queiramos contestar, também, na metodologia, uma norma rígida e enquadrante, um poder normalizante que disciplina os corpos e cria silenciamentos.

E foi em Meyer (2012) que encontrei uma definição, quem sabe se não, uma inspiração metodológica, afinal, trazer essas narrativas de vidas tão intensas, tão vividas apesar de, somente o sentimento, a irracionalidade poderia me deixar falar. Ou poderia me deixar fazer?

Meyer (2012, p. 16) entende metodologia como:

um certo modo de perguntar, de interrogar, de formular questões e de construir problemas de pesquisa que é articulado a um conjunto de procedimentos de coleta de informações – que, em congruência com a própria

teorização, preferimos chamar de “produção” de informação – e de estratégias de descrição e análise.

E nesse sentido podemos pedir a Veiga-Neto (2007, p. 17) uma definição de método com um “sentido bem mais próximo ao que lhe davam a escolástica medieval: algo como um conjunto de procedimentos de investigação e análises quase prazerosos. Sem muitas preocupações com métodos rígidos, podemos dar a essa pesquisa a fala a sujeitos, quem sabe “sujeitas”, calados/as por um modelo, por um universalismo. Talvez se citarmos Manuel Bandeira em seu Poética, “Quero antes o lirismo dos loucos/ O lirismo dos bêbados/ O lirismo difícil e pungente dos bêbados” (BANDEIRA, 1993, p. 129) possamos pensar melhor essa metodologia. Não tão livre como propôs o poeta, mas prazerosa como o lirismo dos irracionais. Mas um irracional ao jeito Nietzsche (2000), um irracional que contesta em seu existir o racional, o taxativo e o monocromático.

E assim se fez nestas linhas que se seguem. Problematizou-se em um primeiro momento no capítulo que chamei de Borboletas do Devir, essas que são a questão central desta pesquisa. Ali busquei falar de suas transformações, das técnicas por essas usadas neste caminho. Caminho, porque são borboletas e como tais se transformam, mas nunca terminam, por isso, devir. Suas experiências na construção de suas subjetividades. De seus modos de existirem, de sentirem, de gozarem. Apresento suas vidas, suas dores e alegrias, suas decepções rancores e violências. Problematizo a norma, ou o dispositivo de sexualidade, teorizado por Foucault (1988) para falar dessa sociedade, na qual estão as travestis e o lugar pesquisado por mim, a escola. Tendo, também, como referencial teórico Benedetti (2005), Kulick (2008), Pelúcio (2009), Peres (2010), Pedreira (2006) e Silva (2007).

Em um segundo momento, a escola como *lócus* de problematizações. Suas reproduções, suas castrações, seus silenciamentos. As narradoras trouxeram a escola por meio de seus silêncios. Pouco se falou do período pela

qual por lá passaram e tudo o que disseram foram lembranças de dor e sofrimento. Piadinhas, adjetivações vexaminosas, medo e vergonha. No entanto, o silêncio sobre a escola me faz pensar em suas vidas que se fizeram, apesar da existência de um discurso que diz que é na escola que construiremos nossas vidas. Que é na escola que os sujeitos se farão. Porém, apesar da escola elas se constituem. Apesar, porque ao analisar algumas de suas falas, constatei que da escola trouxeram apenas mágoas e lembranças ruins. Mas elas não foram destruídas por essa. Seus jogos do existir se fizeram e se fazem apesar de toda negação propagada a estas pela escola, segundo seus relatos. Suas experiências se fizeram apesar dos silêncios da escola.

No entanto, as minhas interlocutoras se fizeram e se fazem apesar da escola, mas muitas não. Muitas foram destruídas, destroçadas por essa norma que as desqualificam porque suas expressões de gênero e sexualidade não correspondem ao estabelecido. Mas tomando a fala que dá título a esta dissertação, onde diz que elas pularam os muros. Que sejam eles (os muros) do preconceito e da negação do outro por uma escola, por uma norma. Pularam muros, porque esse ato lembra subversão, lembra desconstrução. Ela não me disse que derrubou muros, mas que os pulou. Deixou-o lá, de pé, mas escalou-o e o subverteu. Ela usou de estratégias na construção de seus corpos, no uso de roupas, na pintura no cabelo, nas unhas, nos lábios. Escondeu a *neca*. Mas também usou a *neca* quando pediram. Penetrou e foi penetrada. Apanhou e bateu, chorou e riu. E gozou.

Gozou e foi gozada, enfiou o pau sem dó. Se “atracou” com “maricona” porque não recebeu o programa. Mas quem mandou não acertar o valor? Assim Pedreira (2006) retrata de forma poética e real as construções em torno do saber da “batalha”. A pista começa com a lavagem anal, passando à escolha da roupa, a maquiagem, o cabelo. Vejamos na descrição de Pedreira (2006) o *debut* de

Letícia. A preparação para a primeira noite da princesinha recém chegada ao do Rio de Janeiro na “batalha”.

Tatiana, uma travesti já mais experiente e que se tornaria amiga de Letícia, ajuda-a nos preparativos: “retirou de sua mala uma saia preta pregueada, estilo colegial, porém curtíssima, feita por encomenda para as travestis da área” (PEDREIRA, 2006, p. 65). E diz a Letícia que depois elas iriam a uma vendedora que só dispõe de peças para as travestis usarem na pista.

Veste essa saia. Sempre que eu saio com ela (*Tatiana falando para Letícia*) os homens ficam malucos, como se trepassem com uma dessas bocetinhas de escola pública. Vai combinar com você, com essa tua carinha de ninfeta (PEDREIRA, 2006, p. 65).

Essa é Tatiana ensinando a debutante como se portar na noite. Saia mostrando a bunda, “biquíni preto por baixo. Toda boneca tem que ter um desses viu? É item obrigatório no guarda-roupa: um preto, um branco e um vermelho” (PEDREIRA, 2006, p. 65). Letícia está quase pronta para a noite, quando pensa em colocar o salto, Tatiana fala:

- Não, mona! Espera ai! Ainda tem o detalhe final! Onde já se viu uma colegial sem meias três-quartos?! Me diz! As mariconas ficam ainda mais taradas. Vão todas cair de paixão por você (PEDREIRA, 2006, p. 66).

Após toda a preparação, Letícia estava maquiada e vestida, pronta para adentrar a noite de batalha da rua Augusto. Após o deslumbre de todas as outras travestis, ressalvas ao “time do despeito invejoso”, foi recomendado a Letícia que o programa seria vinte minutos: “trinta reais dá no máximo vinte minutos com cada um” (PEDREIRA, 2006, p. 71).

Na pista, como as travestis chamam seu local de trabalho, Letícia que não estava acostumada com aquela exposição apesar de estar se sentindo

maravilhosa, recusa o primeiro cliente: “um gordinho asqueroso” (PEDREIRA, 2006, p. 73). E logo o cliente vai embora desencantado com a frieza da menina, Tatiana sua professora da vida, mostra as façanhas para sobreviver neste concorrido mercado do sexo:

- Primeira regra, princesinha (*como Leticia seria chamada dali por diante*). Travesti não pode se dar ao luxo de escolher cliente. Se você for só com os gatinhos vai morrer na penúria. O cliente pode ser velho, gordo, com cara de psicopata, como esse que falou com você agora... Não importa. Pagou teu programa, você vai e faz seu trabalho com um sorriso enorme nos lábios pra ver se a maricona volta no dia seguinte. Você não vai transar com ele vai transar com a carteira dele, entendeu? [...] Segunda regra: antes de entrar no carro diz logo o que você faz e o que você não faz. Se não estiver a fim de comer o cu da maricona, avisa logo pra não ter problema depois. Terceira regra: chegou no hotel, dinheiro adiantado antes de qualquer coisa. Quarta regra: nunca, nunca, por dinheiro nenhum, dá ou come cu sem camisinha, prestou bem atenção?! [...] Quinta regra: não goza, senão você pode perder a disposição, ficar com sono, e aí a noite vai pras picas. A não ser, é claro, que seja um bofe muito do gostoso, ou, sei lá, o cara resolva pagar um cachê extra pra isso (PEDREIRA, 2006, p. 74).

Esses são os primeiros ensinamentos que devem ser aprendidos por uma debutante na pista da rua Augusto. E de tantas outras pistas, que, na verdade, são avenidas movimentadas de muitas, milhares de cidades desse mundo. Um mundo de existências que revelam uma parte que não é contada nas histórias de fadas. “Então é isso... Os tubos de PVC da sociedade onde os calígulas se aliviam... É pra isso que a gente serve... Pras famílias deles poderem viver na luz, longe de toda podridão” (PEDREIRA, 2006, p. 81). Escreve Leticia em seu diário, do qual nunca se separaria. Essas palavras revelam uma menina, Leticia Diniz, com sonhos como muitas garotas de sua idade, dezesseis anos. Revelam, também, uma realidade que assola muitas meninas travestis, o início cedo na prostituição, como revelou Kulick (2008). Muitas das travestis entrevistadas por

ele disseram ter começado cedo. Tiveram de sair de casa e a rua, a batalha, revelou-se como a única saída para vencerem a fome e a miséria. E, assim, tiveram de aprender, na escola da vida, toda uma enciclopédia de gestos, andares, frases feitas, para atuarem como putas, no grande balé da vida, nua e crua. Tiveram de aprender a comer os cus das “mariconas”, a fugir da polícia e até mesmo a enganar a polícia, seja com animados “boquetes”, seja com sangue. Aprenderam desde muito cedo que sexo também pode ser feito sem amor. Às vezes, com dor. Que puta é aquela que não se dá o devido valor. Travesti que se prostitui não é puta, é profissional do sexo. Mesmo que se vistam como putas, elas não o são. Estão na esquina, porque também se sentem desejadas, cobiçadas. Exibem suas bundas siliconadas, seus peitos a pularem dos vestidos e tudo isso com um toque, um algo a mais que deixam por debaixo do vestido. Que colocam para traz, no meio de suas nádegas. Seus paus, que escondem com o auxílio de uma calçinha, preta, se possível. Mas, quando os mostram, as “mariconas” ficam desejosas para lambê-los, para que esses possam penetrar por inteiro, dentro de seus cus sedentos de esperma, da mulher de pau. Da Dama de Paus (OLIVEIRA, 1994, p. 1).

Portanto, foi com gozos irracionais que se falou de travestilidades. Falamos de “sujeitas”, para mais de uma forma contestar o padrão, burlar as “sintaxes de exceção”, ou ainda, os “barbarismos universais” (BANDEIRA, 1993, p. 129). Sim, burlemos os universais. Falamos de mulheres com paus. Falamos de “pular muros”, de não identidades, de não gêneros, de não modelos, mas falamos de resistências. Falamos de feminino travesti, de construções de si. Mas deixemos as borboletas, “sujeitas”, travestis falarem. Com a palavra, as mulheres com paus.

3 AS BORBOLETAS DO DEVIR: “SUJEITAS” DA PESQUISA

Eram por volta de oito horas da manhã de um lindo dia. O céu estava sem nenhuma nuvem e o sol já estava bem quente àquela hora. Ela me esperava no portão de sua casa. Usava um *short* xadrez, uma blusa rosa com as mangas caídas que deixavam à mostra um sutiã com estampas de onça. Tinha o corpo esguio, as pernas bem depiladas e usava duas tornozeleiras. Seu cabelo estava preso para trás o que fazia aparecer alguns tons levemente brancos. Suas unhas estavam pintadas de um rosa que combinavam com a cor de sua blusa de malha, na qual estava escrito: “as fora da lei” que dizia ter ganhado de sua sobrinha.

Recebeu-me com um sorriso no rosto demonstrando simpatia já logo ao me ver. Peguei em sua mão e chamou-me a entrar. Havia muitas plantas na varanda de sua casa que dividia com o pai. Disse ao telefone, quando liguei para poder marcar a “conversa”, que quase não saía de casa, pois cuidava de seu pai que já era idoso.

A segunda entrevista foi durante uma ensolarada tarde de um domingo de outono que cheguei a uma ruela em que havia um grande declive. Liguei novamente para saber se estava correto o lugar onde estava. As pessoas na janela pareciam desconfiadas daquele que, ainda, não haviam visto por ali. E eu procurando uma casa azul. V... atendeu-me e disse para seguir em frente que ela iria ao meu encontro. Desci a rua até o final e ela ao telefone orientando-me, disse: “*vire à esquerda, eu já o vejo*”. Foi quando vi um par de pernas grossas, seguida de uma barriga “malhada”. Nestas pernas havia uma grande tatuagem que parecia começar no quadril. Eram rosas vermelhas. Usava um pequeno calção *jeans* e uma blusa de malha solta, curta, mostrando sua barriga detalhadamente construída nas academias de ginástica. Recebeu-me com um grande sorriso demonstrando hospitalidade. V... morava nos fundos da casa de sua irmã. Ao adentrar sua casa, percebi vários produtos que denunciavam um

salão de beleza. Produtos para o cabelo, para o corpo, para as mãos. Disse que ainda estava arrumando sua casa, pois o domingo era o único dia para fazer essas tarefas. Pediu-me desculpas pela desarrumação. Sempre com gestos leves e uma fala mansa, parecia um pouco curiosa para saber que perguntas iria fazer. Sentei-me em uma cadeira e fui aos poucos conversando, perguntando sobre seu trabalho para que ficasse um clima mais tranquilo até começar a entrevista. Neste momento, pude ver mais de perto seu corpo, suas pernas torneadas, sua barriga demonstrando músculos. Suas unhas estavam bem pintadas, seu cabelo preso para trás e uma bela tatuagem na perna esquerda. Usava um perfume bem suave, mas que conseguia preencher o ambiente.

Essa entrevista se passa em um belo e agradável outono. Esse, sempre a nos proporcionar belas sensações. Ao começar a ouvi-la, um vento leve começou a soprar em mim, estava perto da porta, de onde eu podia ver o sol a deixar um alaranjado vivo no horizonte. E foi assim durante toda a “conversa” que tive com V..., um alaranjado, um alaranjado que mostrava comedimento nas falas, gestos levemente feitos, um perfume suave pela casa. Aliás, casa essa pintada também com uma cor suave, um azul de quando o mar está bem tranquilo, quase a não fazer nenhuma onda.

Nenhuma onda se passou quando fui fazer minha primeira entrevista. No entanto, essas águas eram mais profundas, mas eram límpidas e claras. Profundas porque traziam mais vivências de um tempo outro. Límpidas e claras porque foi com suavidade e sabedoria que me foram mostradas. E foi assim que A... convidou-me a entrar. Assentei-me no sofá em sua sala de visitas. Havia um móvel que continha muitas imagens de santos católicos. A... no decorrer da entrevista, confessou-me que era muito religiosa, sempre “*frequentava a missa*”, sempre participava das procissões da semana santa. Mas que, ultimamente, não gostava mais de ir às celebrações que a orquestra tocava, pois isso lembrava-lhe muito sua mãe, já falecida:

“Nós sempre íamos juntas, ela gostava demais. Agora não quero mais ir à procissão que tem a ‘banda’, por que eu acho que vou ficar muito triste”.
Contou-me A... já no final da entrevista.

E quem são essas pessoas? Quem são A... e V...? São trabalhadoras, são batalhadoras de suas histórias, nem mais nem menos. São sujeitos vivendo a travessia da vida. Vidas que ousam, que desejam, que buscam formas de enfrentar esta existência. Em uma célebre passagem do seu Assim Falou Zaratustra, o filósofo alemão Nietzsche (2000, p. 25) conta-nos que Zaratustra “chegando à cidade mais próxima, situada nos bosques” encontra uma multidão que está a assistir a um “espetáculo de um bailarino de corda” (NIETZSCHE, 2000, p. 25). No entanto, algo de terrível acontece. Durante sua apresentação, o bailarino de corda é interceptado por outro acrobata “que parecia um palhaço com suas mil cores”. E então esse lança “um grito diabólico e salta” (NIETZSCHE, 2000, p. 30) por sobre o bailarino de corda. Este cai e morre. A multidão se dispersa. Assim é a vida, uma corda estendida sobre um abismo, uma travessia cheia de perigos. Uma aventura sem fim.

É com força e beleza que alguns sujeitos enfrentam a travessia. Enfrentam porque há muitos palhaços demoníacos à espera, prontos para derrubar-nos da corda bamba. E são essas que gostaria de evocar aqui. Evocar as construções de beleza nesses corpos que se fazem enquanto se constroem (MALUF, 2002), enquanto se moldam, enquanto desejam.

Essas são as “sujeitas”, ou os sujeitos como manda a regra culta da língua. Sempre masculino e universal. Porque não sujeitas? Essas que querem mostrar ao mundo seus corpos torneados, sua leveza no andar, seu sorriso, sua alegria, suas tristezas. São pessoas, são femininas, são travestis.

A narrativa destas existências passa pela construção de seus corpos. Suas travessias são recolocadas a partir do momento que surgem como

femininas. Suas vidas são rearranjadas e suas existências refeitas. Seus corpos assumem um feminino que é delas, não o feminino das mulheres, mas um feminino travesti. Benedetti (2005, p. 96) afirma que:

o feminino travesti não é o feminino das mulheres. É um feminino que não abdica de características masculinas, porque se constitui em um constante fluir entre esses pólos, quase como se cada contexto ou situação propiciasse uma mistura específica dos ingredientes do gênero.

Um feminino que nunca está acabado, como dito em Maluf (2002). Um feminino que é sempre fluir. Um feminino, que como tal, contexta o sujeito universal do próprio “ser feminino”. E é esse fluir que faz a travesti essa dança dos gêneros que seu corpo produz. Portanto pensá-la é falar de um eterno não classificável. De um feminino que é dela, no singular. Falar em plural é novamente classificá-las e talvez aqui esteja a beleza dessas “sujeitas”, pedindo uma licença poética para dizê-las. Não vejo outra maneira, senão descumprindo um padrão. Senão deslocando as fronteiras do gênero, do desejo, da sexualidade. Enquadrá-las nesta ou naquela categoria de gênero é tirar suas belezas, que estão justamente no não-classificável. A travesti talvez e devemos usar esta palavra, pois trata-se de um fluir, é esta que foge, que corre, que borra as fronteiras do gênero.

Gênero este construído historicamente como masculino e feminino levando em consideração as características anatômicas. Porém em seu livro *Problemas de Gênero* (1990), Judith Butler contesta o par sexo/gênero. Como que o gênero problematizável, mas o sexo não. Butler faz uma crítica ao movimento feminista por considerar o sexo natural e o gênero construído culturalmente. Assim, ao dialogar em seu livro com Simone de Beauvoir na expressão: “a gente não nasce mulher, torna-se mulher”, Butler (1998, p. 27) diz: “não há nada em sua explicação [de Beauvoir] que garanta que o ‘ser’ que se

torna mulher seja necessariamente uma fêmea”. Desse modo, a filósofa contesta a existência de um “ser que é existente a si mesmo em uma proposição metafísica”. Contesta que exista uma identidade pré-estabelecida. Contesta que o “gênero seria um fenômeno inconstante e contextual, que não denotaria um ser substantivo” (RODRIGUES, 2005, p. 180). Que o gênero não viria de um sexo, pois como aquele, precisa ser pensado cultural e historicamente. Butler (1998), em outro texto, *Corpos que pesam*, publicado sua introdução em *Corpo Educado*, de Louro (2010, p. 154), segue dizendo melhor sobre esta questão:

a categoria do ‘sexo’ é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de ‘ideal regulatório’. Neste sentido, pois o ‘sexo’ não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa. [...] Ele não é um simples fato, ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o ‘sexo’.

Butler (1998) contesta a existência de um “sexo”, que seja natural. De um sexo onde o gênero seja inscrito sem nenhuma normatização. Mas que esse sexo se materializa em corpos que ganham significados e obtêm legitimidade. A filósofa sugere que o “sexo não está em posição privilegiada ou mesmo necessária em relação ao gênero” (KULICK, 2008, p. 240). Butler (1998, p. 7), ainda, afirma que “talvez sexo tenha sido sempre gênero e, em consequência, a distinção entre sexo e gênero seja inexistente”. Que abre precedentes para pensarmos em outras formas, que não as normativas de existências. Para pensarmos outros modos de conceber travessias.

Butler (1998) nos diz que nem toda mulher precisa ser uma fêmea, contestando, portanto a essencialização de um sujeito mulher, de uma identidade fixa, estável. Portanto, pensar essas “sujeitas”, as travestis, sempre jogando com a norma, pois elas o fazem, é pensar na contestação como para além das identidades. Mas, para além também denota um lugar, e essas fazem-nos pensar

em um não-lugar. Pois desfazem o gênero, remexem na sexualidade, constroem-se como desejos. Desejo esse, que se faz no corpo, em um corpo que é corporeidade (MALUF, 2002), que é corpo-existência, que é corpo-fazer.

Um corpo-existência no sentido que se fazem, que passam a entender melhor suas vidas, suas travessias, à medida que esse corpo ganha forma. Ganha contornos femininos. Nas entrevistas realizadas A... refere-se à passagem do menino feminino à mulher que se tornou como “*quando eu pulei o muro*”. E V... diz “*quando eu me transformei*”. A fala de A... é mais elucidativa para podermos pensar esse corpo-existência. Esse corpo-fazer que se inventa em um eterno devir.

Pelúcio (2005, p. 99) ressalta a importância da transformação:

A transformação seria então esse processo de feminilização que se inicia com extração de pelos da barba, pernas e braços; afina-se a sobrancelha, deixa-se o cabelo crescer e passa-se a usar maquiagem e roupas consideradas femininas nas atividades fora do mundo casa. A seguir começa a ingestão de hormônios femininos (pílulas e injeções anticoncepcionais e/ou de reposição hormonal) passando por aplicação de silicone líquido nos quadris e posteriormente nos seios.

Nem A..., nem V... possuem silicone nos seios, mas V... afirma que “*com toda certeza esse ano eu coloco meu silicone*”. Assim esse corpo assume um caráter primordial na construção de suas travessias. Pedreira (2006), ao narrar a vida de Letícia Diniz, conta de um episódio em que esta se envolve ainda garotinho, com um rapaz mais velho, pois o menino apenas tinha começado sua transformação. Estava em um estado andrógino, conta Pedreira (2006). Assim, ao ser penetrado por vários dias seguidos por esse rapaz, Letícia sofre uma decepção amorosa com esse mesmo indivíduo, aonde esta, aos prantos, vai até a casa de sua amiga e madrinha, pois é desse modo que as travestis denominam outras travestis que aplicam em seus corpos os hormônios.

Me aplica a tal da ‘injeção da beleza’, vai... Eu quero virar mulher, a mulher mais bonita de Porto Velho. Tão bonita que nenhum homem vai conseguir notar a diferença pra uma mulher de nascença. Eu quero ser belíssima, Alicinha... Belíssima... Uma mulher belíssima... (PEDREIRA, 2006, p. 69).

Vemos que o ser “mulher” que elas almejam é o retirar as características que lembram o masculino, mas sem, contudo, abnegar de seus “dotes” de macho. Segundo Kulick (2008), em sua pesquisa com as travestis de Salvador, esse “dote”, leia-se o pênis, é instrumento para se ganhar dinheiro. Pois a maior parte das travestis pesquisadas por ele, viviam da prostituição. E a grande parte de seus clientes, citado em Kulick, procura-as para serem penetrados.

Pedreira (2006, p. 36) traz, ainda, outra história, agora de outra personagem de seu livro. Tatiana, uma travesti que trabalha na rua “Augusto” ou rua “Augusto Severo, um dos principais pontos de prostituição de travestis do Rio”, conta um episódio à Letícia Diniz, onde esta, durante um programa tem de penetrar um cliente:

O cliente me pediu para ser penetrado. Até aí tudo bem. É a nossa rotina mesmo, não é? O foda é que o cara mandava parar toda hora. “Pára que tô sentindo dor”, “pára que eu tô sentindo dor”, “agora vem de novo, vem, vem bem devagarzinho” Ah, chegou uma hora em que eu perdi a paciência, mona, e enfiei a pica com toda força até o fim. Rasguei o cuzinho todinho dele. A maricona deu um pulo da cama e começou a me xingar (PEDREIRA, 2006, p. 59).

Luisa Marilac⁸ conta que em Roma, Itália, lugar onde viveu grande parte de sua vida se prostituindo, relata que eles (referindo-se aos homens que a procuravam, aqui, especificamente aos padres de Roma, que segundo ela procuraram seus serviços) chegavam dando uma de ‘homem’ e falando na

⁸ Travesti que ganhou popularidade depois que publicou um vídeo na internet. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ikzC29rV75A>

palavra do Senhor, mas quando tiravam a batina e eu tirava a calcinha e eles viam vinte e dois centímetros, eles ficavam loucos ⁹. Não quero pensar nas problematizações do celibato, ou nas questões da igreja católica aqui. Mas podemos usar esse exemplo e pensar as muitas possibilidades que esse corpo inventa.

Durante a entrevista com V... ela relatou-me um episódio em que foi convidada a desfilar em uma escola de samba de sua cidade, nos dias do carnaval.

“Disse à mulher que me convidou que eu desfilaria sim, mas somente se fosse de biquíni. Ai fui até lá ver qual biquíni era. Elas me disseram para vestir que queriam ver como ficava. Coloquei o biquíni e chamei elas para ver. Quando eu mostrei para elas, ficaram encantadas com o que viram. Falaram assim: - mas como você faz para esconder?” (referindo-se aqui em como ela fez para esconder o pênis). *V... disse: tenho minhas técnicas. Ela riu, nisto chegou outra mulher para ver, que falou: - mas você é mais reta do que nós.”*

O ser mais “reta” referia-se à parte da frente, lugar onde fica o pênis. Elas estranhavam que V... não apresentava nenhum volume indicando que ali constava o órgão sexual masculino.

Técnica essa, muito usada entre as travestis para esconder o pênis, ou nas gírias destas, “aquendar a neça”. V... segue seu relato falando que no dia do desfile,

“quando eu entrei na avenida, todos começaram a gritar: - linda, gostosa. Ai eu cheguei mais perto da plateia e alguns diziam assim: mas cadê,

⁹ Entrevista concedida ao programa Dois chopes com, de Michel Blanco. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0-_Zcm5IQHk.

vira de costas. Eu virava, rebolava e ia até o chão. As pessoas continuam a gritar, gostosa, você é muito linda. Teve até uma pessoa que me passou a mão (risos...).”

Benedetti (2005), em sua pesquisa com as travestis de Porto Alegre, ao analisar alguns autores que dizem que o corpo não é um mero passivo, algo inerte, mas é nele que a cultura se faz e se mostra. Nele são vistas as marcas que assumem os sujeitos e seu contrário, os abjetos.

O corpo das travestis é, sobretudo, uma linguagem; é no corpo e por meio dele que os significados do feminino e do masculino se concretizam e conferem à pessoa suas qualidades sociais. É no corpo que as travestis se produzem enquanto sujeitos (BENEDETTI, 2005, p. 55).

Ao questionar V... sobre seu processo de transformação do gênero, relatou-me:

“desde criança eu gostava de brincar com as meninas. Eu não via interesse nas brincadeiras dos meninos. Eu sempre ficava junto das meninas.”

Benedetti (2005, p. 97) afirma que relatos como este de brincar de boneca “de médico, de roda, trejeitos e inclinações naquela perspectiva (das travestis) feminina [...] não são histórias isoladas”. A... também relatou-me que:

“quando criança sempre brincava com as meninas. Um dia fui até a casa de uma menina para brincar. A minha boneca era feia, ela tinha a cabeça ‘rachada’. Mas você acredita que a menina ficou com a minha boneca. Nossa, eu voltei aos ‘prantos’, chorando muito. Ai minha mãe pediu ‘pro’ meu pai

comprar outra boneca 'pra' mim. Aí quando ele foi à cidade (pois, essa morava na zona rural) ele comprou outra 'pra' mim."

Suas lembranças são sempre de uma ligação maior com o gênero feminino. Desde brincar com “as meninas” até os trejeitos. Gostarem de brincadeiras limpas e não das brincadeiras violentas que são “destinadas” aos meninos (BENEDETTI, 2005, p. 97). E, assim, vão construindo seu gênero, aos poucos por meio de modificações neste corpo. Essa corporeidade é afirmada na fala de A... que diz “*aos dezoito anos eu pulei o muro*”. Fico imaginando que muros A... pulou. E, ainda, disse por várias vezes durante a narrativa:

“hoje as coisas são mais fáceis, nossa, naquele tempo as coisas eram difíceis”. No entanto ela fala: *“hoje venci, sou respeitada, até por crianças.”*

E essa força narrada por A..., parece-me ficar mais evidente quando essa decide se “montar”¹⁰ e assumir tudo aquilo que ela sempre quis, o se tornar feminina. Essa é a importância que esse corpo assume na construção de suas identidades. V... narra-me um episódio que teria acontecido em seu primeiro ano escolar. Ao ir ao banheiro, senta-se no vaso sanitário, pois não gostava de urinar de pé como é costume dos homens. Ela diz: *“eu estava acostumada a fazer deste modo em minha casa”*. Alguns meninos viram e começaram a rir. Ela diz que nunca mais, até vir a se montar, voltou a um banheiro público, mesmo na escola. O que me parece é que o fato dela se assumir enquanto aquilo que sempre quis a transporta para outra esfera. Agora não mais do menino afeminado, daquele que

¹⁰ O termo montar é usado pelas travestis para referirem-se a todo o processo de construção do corpo com base em uma estética feminina. A retirada da barba, o uso de roupas femininas, a ingestão de hormônios, a colocação de silicone líquido ou próteses cirúrgicas. Enfim, todas as técnicas de construção deste corpo que desde então, tem, no feminino, seu ideal.

parecia não ter uma identidade. Mas agora ela se assume enquanto travesti. Enquanto feminina, enquanto “mulher”.

As aspás são colocadas não para diferenciarmos mulher, sujeito do sexo feminino, uma fêmea. Não são postas para dizermos que as travestis são menos femininas, ou mais que as mulheres. Não para dizer que elas não são mulheres, pois como citado em Butler (1998), o que dirá que uma mulher deve ser necessariamente uma fêmea?

E foi como mulheres que se referiam A... e V... . Sempre no feminino, sempre a portar a indumentária feminina. A... recebeu-me vestindo um calção xadrez, bem curto, mostrando suas pernas bem depiladas e levemente torneadas. Uma blusa de malha, cortada na gola, onde deixava aparecer seus ombros, os quais mostravam um sutiã com estampas de onça. Tinha as unhas muito bem pintadas, dos pés e das mãos. Seus gestos eram delicados, sentava-se cruzando as pernas. Em seu rosto denunciava algo que um dia já havia sido. Havia resquícios de uma barba, que essa parecia manter sob muito cuidado. Era uma terça-feira pela manhã, ela estava em sua casa, então acredito por isso não estava maquiada, mas me disse:

“saio sempre maquiada, não me vejo usando calças; gosto mesmo é de por vestido e salto alto.”

Podemos notar na fala de A... a preocupação com o se tornar feminina que sempre passa pela quase total extinção de características ditas masculinas. E a eliminação do *chuchu*, denominação dada pelas travestis aos pêlos que crescem no rosto é uma preocupação fundamental para se assumir enquanto femininas. “Os pêlos, portanto, são considerados um obstáculo constante na fabricação/construção do corpo travesti” (BENEDETTI, 2005, p. 58). E elas investirão tempo e dinheiro na tentativa de eliminação deste entrave. Benedetti

diz que a pinça é um acessório que toda travesti carrega na bolsa e esse pode ser usado a qualquer momento para eliminar os tão indesejáveis pêlos da barba. E elas utilizarão, também, de ceras para depilar o rosto e outras partes do corpo, como axilas, virilha, região pubiana, região anal. Assim elas promovem uma verdadeira caça aos pêlos do corpo.

Benedetti (2005, p. 60), ainda, constata que, travestis que ingerem hormônios têm menos probabilidade de ter muitos pêlos. Eles se tornam finos e mais fáceis de serem eliminados. Essa ingestão de hormônio é citada por V... em sua narrativa:

“foi uma outra travesti amiga minha que me falou para eu tomar hormônio. Eu comecei tomando comprimidos, agora eu tomo injeções. Tomo sempre duas injeções de Perlutan por mês. Teve uma vez que tomei cinco injeções, o que me deu uma espécie de alergia. Ai eu passei a tomar duas por mês. Os pêlos diminuíram, o cabelo fica diferente, os seios crescem, a voz muda. A gente se sente mais feminina, e quando eu paro de tomar os seios diminuem, por isso não posso parar de tomar. Mas agora eu quero parar de tomar, porque vou colocar minhas próteses de silicone, esse ano. Já fui ao médico e fiz minhas primeiras consultas. Esse ano eu coloco!”

Nota-se o investimento de construção deste corpo. Muitos cuidados com o cabelo também é ressaltado. Aliás, um cabelo comprido, bem tratado é motivo de orgulho e de aceitação entre as travestis.

Tanto A..., como V... tinha suas pernas muito bem depiladas, sobrancelhas muito bem feitas e desenhadas. E V... relatou-me que havia feito eletrólise no rosto¹¹ e que hoje ela não tinha mais nenhum pêlo, mas que sempre

¹¹ Técnica que faz uso de um aparelho que elimina a raiz do pêlo, por meio de uma descarga elétrica

que alguns teimavam em aparecer ela os arrancava o mais rápido possível. Segundo Benedetti (2005), a eletrólise não é uma técnica muito usada, em razão de seus altos custos. Algumas regiões necessitam de muitas sessões para a eficácia do tratamento, impedindo muitas travestis de usá-la. Pelúcio (2005, p. 99) afirma que “são poucas que conseguem essa transformação tão apurada”, que segundo ela, dá-se pela absoluta falta de dinheiro.

Deste modo, as travestis vão se construindo e se constituindo enquanto subjetividades. E esse corpo revela-se o grande mote nesta constituição. E essas se cercarão de muitas práticas para adequarem-fugirem este corpo a um padrão de beleza imposto, como mais um dos atributos do sujeito. Adequarem no sentido que muitos relatos são da construção de um corpo aos moldes/padrões estabelecidos como beleza. Daí o grande número de travestis com nomes das cantoras do pop nacional e internacional, como Madonna, Beyoncé, etc¹².

Questionei V... se ela havia visto alguém colocar silicone líquido, ou se porventura teria colocado. Ela disse-me:

“eu fui convidada por uma ‘bombadeira’¹³ para colocar esse silicone, o que eu recusei. Eu sei que isso faz mal. Sei de casos de pessoas que colocaram e não deu certo. Tem até uma menina, uma travesti amiga minha, que tinha feito, ai ela começou a ter manchas na pele. Ela teve de procurar um tratamento em Belo Horizonte. Ela quase morreu. Mas hoje ela tem suas próteses ‘certinhas’, e hoje está muito bonito.”

Essa é uma técnica muito difundida entre as travestis, a colocação do silicone líquido, como forma de tornar esse corpo mais feminino.

¹² Cantoras de música pop americana, de muito sucesso na atualidade. Ícones de beleza, com corpos magros e rostos joviais.

¹³ Pessoa, geralmente uma travesti mais experiente, que por meio de técnicas rudimentares, injeta em outras travestis silicone líquido

Pedreira (2006) traz a história de Alicinha, a travesti que veio junto com Letícia, de Porto Velho, para, também, tentar a vida na “cidade maravilhosa”. Porém essa não era tão feminina como Letícia. Suas feições eram angulosas, tinha um rosto bastante masculino. Segundo Benedetti (2005) e Pelúcio (2005), elas tentarão ao máximo disfarçar as características masculinas deste corpo. Porém, como muitas vêm de uma classe social muito baixa, não possuem dinheiro, ou como dizem, “*aquê*” para procurarem pelos meios seguros e higienizados, um cirurgião que vai aos poucos modelar esse corpo, esse rosto. E para isso recorrem a outros meios. E foi o que Alicinha fez. Buscou uma “bombadeira”.

- Quem não nasce princesinha só tem essa opção, Lê. (Referindo-se à Letícia Diniz.) Quadrilzão, bundão... Tudo hiperexagerado mesmo, pra chamar a atenção aonde quer que for, pra nunca passar despercebida, nunca... Me diz: existe homem que não adore isso? A bicha pode ser até feia, mas consegue sobreviver com essas armas (PEDREIRA, 2006, p. 110).

Bombadeira é a travesti, geralmente mais velha, que injetará o silicone líquido no corpo de outras travestis. Vejamos a descrição de Alicinha sobre a “bombaço” que recebeu:

Tô muito dolorida, muito... Você não tem ideia de como dói colocar essa merda, Lê. Não tem ideia... A agulha é do tamanho de um palito de fósforo, igual às que se usam em cavalos. Eu perdi a conta de quantas agulhadas de cavalo eu tomei, Lê. Esburaca a pele toda, tá vendo só? Abre umas crateras horríveis... A Iemanjá, a bombadeira, a Iemanjá tapa os buracos com Super Bonder. Sabe aquela cola que cola tudo? Disse que isso é um procedimento normal, que se não tapar o silicone vaza pelos buracos. Tô toda remendada com Super Bonder, pode isso?! Mas eu aguento qualquer sofrimento por causa da beleza, por causa do ideal de beleza (PEDREIRA, 2006, p. 111).

Esse é um procedimento costumeiro entre as travestis. É muito comum, encontrarmos travestis que possuem o silicone industrial no corpo. Kulick (2008, p. 86) relata que “entre as travestis em Salvador o silicone (também chamado por elas de “óleo”) é um tema permanente nas conversas. E ainda diz: “travestis de todo o país consideram o silicone um produto milagroso – ou revolucionário – como dizem algumas” (*idem*).

Luisa Marilac disse ter, no quadril e em suas nádegas, “vinte e dois litros, fora os braços e as pernas”¹⁴. Em um texto que analisei, o documentário “Bombadeira: a dor da beleza”, do cineasta Luis Carlos de Alencar¹⁵, constatei que a construção deste desejo, deste corpo, torna-se mais importante que as preocupações com as implicações infecciosas que esse procedimento pode causar. A dor provocada pelas grossas agulhas que penetram a carne destas atravessantes, para que o líquido da beleza possa moldar suas formas, não é capaz de impedi-las de realizarem-no. Esperando um fim, não se leva em consideração o meio, as formas que esse é feito. Esse procedimento, também, revela outra questão, a falta de políticas públicas que possam atender essas sujeitas em suas reivindicações.

Esse corpo é onde elas se realizam. É onde se instituem como pessoas, como sujeitos/as. Durante o documentário “Bombadeira”, uma travesti questiona que a injeção deste líquido dói, mas é uma dor que vai trazer um benefício, é “a dor da beleza”. Como lagartas que eram, a dor é um rito de passagem do menino afeminado à borboleta que será desejada pelos homens. Que assumirá um desejo de “ser mulher”. Que se tornará essa “mulher de pau”.

¹⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0-_Zcm5IQHk.

¹⁵ Documentário de Luís Carlos de Alencar que mostra a vida de travestis da periferia de Salvador. Suas intimidades, suas alegrias e tristezas. Em pouco mais de setenta e cinco minutos, o diretor mostra com cenas cruas a vida dessas pessoas e suas lutas por sobrevivência. O ponto alto do documentário é a cena de injeção do silicone líquido, a “bombaço”, por outra travesti, “a bombadeira”, que dá nome ao documentário. Bombadeira traz a realidade de muitas travestis que ousam viver.

Retomo aqui, à descrição do episódio da “bombaço”, mostrado no documentário:

Quatro agulhas estão encravadas em sua carne. A câmera foca um quadril. Nesse momento o documentário mostra o processo de “bombaço”. Uma travesti deitada e várias agulhas que agora são acopladas a seringas estão a introduzir o silicone em seu corpo. A dor é notável em suas feições, visualizadas pelo contrair de suas sobrancelhas. O líquido tem dificuldade em penetrar a pele, mesmo usando grossas agulhas, a bombadeira tem de fazer um esforço para introduzir o líquido gelatinoso e espesso. E esse vai formando umas espécies de nódulos que têm de ser espalhados, massageando fortemente o local. E a bombadeira avisa antes: “*isso vai doer viu*”. E é com um gemido alto de dor que a travesti bombada recebe a massagem (PEREIRA, 2012, p. 3-4).

Benedetti (2005) dedica grande parte de sua pesquisa a falar sobre o corpo das travestis. Pelúcio (2005), também, faz em uma análise bastante minuciosa o processo de transformação, ou seja, o tornar-se a borboleta.

Esse corpo-existência vai se fazendo. Pelúcio (2005, p. 98) afirma:

Construir um corpo e cuidar deste é uma das maiores preocupações das travestis. Estão sempre buscando o que elas chamam de ‘perfeição’, o que significa passar por ‘mulher’. Não por qualquer ‘mulher’, mas por uma bonita e desejável. Isto é: geralmente a branca e burguesa.

Pelúcio (2005) chama a atenção para as construções destes corpos que vão em direção a um padrão de beleza. Assim, elas reiterariam a norma que as exclui. Sua tentativa de se adequar a esse padrão é para que sejam consideradas *top*, ou seja, aquelas que menos lembram o masculino ou ainda que são muito desejadas nas áreas de meretrício, onde muitas ganham sua vida.

Benedetti (2005) diz que as travestis se investirão de muitas técnicas para produzir esse feminino. V..., ao relatar-me sobre seu uso de hormônios,

disse-me que sua voz mudou, sua pele ficou mais “*lisa e macia*”. Que seus pêlos ficaram mais finos e o principal, que seus seios cresceram. Daí o uso abusivo destes hormônios na tentativa que estas transformações ocorram de modo mais rápido e eficaz. V... disse ter aplicado até cinco injeções de hormônio em um único mês.

A... também relatou-me que ela notou uma feminilização maior depois que tomou. Porém seu médico a proibiu de tomar, pois, A... é soro positivo, o que poderia afetar no uso dos remédios antiretrovirais. Mas A... disse que tomou mesmo assim:

“depois que minha mãe morreu eu quis tomar sim. Quando ela estava viva, eu queria ficar viva para cuidar dela, mas agora que morreu eu resolvi arriscar. (A... relata-me que contraiu o vírus, acredita, durante um abuso.)”

V... ,ainda, disse-me que até seu nervos ficaram diferentes. Ela usou a expressão “*TPH, tensão pós-hormônio*”. Disse que quando começou a tomar ficava muito irritada. Que nem queria muito conversar com as pessoas. Que sua mãe falava para ela: “você briga na rua e vem descontar em mim? Não tenho nada com isso”. Larissa Pelúcio (2005, p. 99) afirma que para as travestis, “ser ou estar nervosa tem relação com uma situação físico-moral específica e que as associa a elementos socialmente sancionados como femininos”.

Benedetti (2005) relata que os hormônios são as cápsulas da beleza e que sua ingestão começa por volta, em muitas travestis, dos quatorze ou quinze anos. E suas:

indicações são as modificações das formas corporais, como o desenvolvimento dos seios, arredondamento e suavização dos joelhos, pernas quadril e braços; redistribuição uniforme da gordura por todo o corpo, diminuição da produção de pêlos pelo corpo (BENEDETTI, 2005, p. 76).

E, ainda, diz que quanto mais cedo elas começam a tomar mais seus corpos mudam e se tornam femininas. Mais assumem para si a corporeidade travesti. Mais esse corpo-existência passa a existir enquanto transformada. “O hormônio goza de um *status* privilegiado: seu consumo parece ser o elemento simbólico que determina o ingresso nessa identidade social em fabricação (BENEDETTI, 2005, p. 81). Pois é por meio do hormônio que se refazem enquanto subjetividades. Os hormônios as tornam mais arredondadas e menos retas, ou seja, demonstrando que se cuidam mais e que sabem ser femininas. V..., durante o relato sobre o desfile no carnaval de sua cidade, teria se referido a uma travesti que desfila em outra escola de samba da mesma cidade, que “*esta vai de biquíni, mas fica aquele volume na frente, não sabe esconder, uma coisa horrorosa*”. Assim, as mais belas, são as mais delicadas e femininas. São aquelas que com técnicas, como “*aquendar a neca*”, ou ter corpos bastante modificados, seja por medicamentos ou ainda por silicone industrial ou não, “pulam seus muros” da existência e saem do outro lado renascidas, refeitas.

O silicone industrial revela uma triste realidade, a falta de políticas públicas para atender a esse público. Então elas recorrem a intervenções cirúrgicas clandestinas para construir esse corpo, que, na maioria das vezes, é o único recurso que essas travestis possuem. Nas falas de uma travesti que aparece no documentário “Bombadeira”, que não mostra seu rosto, pude constatar essa realidade:

a travesti só consegue mudar o seu corpo através dessa bombadeira, que se torna a única saída, a única esperança para essa travesti, porque mudança de corpo pelo meio convencional é muito caro (PEREIRA, 2013, p. 8).

Esse relato é sobre um episódio que aconteceu com ela, quando ao procurar uma bombadeira e injetar o líquido no corpo, ocorreram problemas,

pois, a bombadeira utilizou um silicone que não era esterilizado, ocasionando, assim, uma infecção que quase levou -a à morte.

Assim, elas se põem a atravessar suas cordas bambas, estendidas sobre o abismo da normatividade. Palhaços demoníacos não faltarão para derrubá-las de suas travessias que essas assumirão com coragem e desejo. São longas sessões de depilações. Horas em salões de beleza arrumando seus cabelos, recorrendo a intervenções cirúrgicas clandestinas. Lutando todos os dias por suas sobrevivências. Não que o sujeito “normal” não faça isso. Mas parece que a essas abjetas em suas constituições, essas tarefas tendem a ser mais complexas e difíceis.

V... ao relatar sobre uma amiga que se prostitui, “*ela trabalha na pista*”, referindo-se à rodovia que corta sua cidade, diz que:

“muitas delas já me disseram que já fizeram programas com arma no pescoço. E ainda falaram que o cara disse que, vou fazer o que eu quiser e não vou te pagar. Um outra me falou que um dia estava dentro do caminhão ela abriu a porta para sair e o cara arrancou o caminhão. A intenção dele era que a porta voltasse nela e ela caísse e ele passaria o caminhão em cima dela. Mas felizmente ela conseguiu pular e ficar viva. Hoje ela já veio a falecer porque contraiu o vírus da Aids.”

Esse relato leva-nos a pensar em toda esta violência que seus corpos sofrem por descumprirem um padrão. Butler (1998, p. 156) nos fala que a norma, ao criar o sujeito, cria um “exterior abjeto que está, afinal, ‘dentro’ do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio. Assim, todas/os aquelas/es que não possuem um sexo identificado ao seu gênero inscrevedor, e um desejo identificável serão persistentemente negadas. Portanto, a criação do monstro serve para me dizer enquanto sujeito. Eu sou heterossexual, porque não sou

homossexual. Eu sou sujeito porque não sou abjeto. E manter o abjeto longe dos domínios do sujeito faz parte desta lógica fundante do próprio sujeito.

Butler (2010, p. 155) define o a abjeção:

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas ‘inóspitas’ e ‘inabitáveis’ da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do ‘inabitável’ é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito.

Cohen (2000, p. 27) diz que “o *monstrum* é, etimologicamente, ‘aquele que revela’, ‘aquele que adverte’”. Que nos adverte até onde vai o domínio do sujeito. Ele, o monstro, revela-nos a fronteira. E esses não-sujeitos, abjetos, ficarão lá onde não incomodarão. E essa regra é reiterada todo o tempo. E se esses resolvem aparecer, sofrerão consequências. Assim, quando o motorista do caminhão citado por V... “*arranca o caminhão para que esta caia*” e ele passe o veículo por cima dela, revela esse reiterar da norma. O restabelecer o monstro dentro do lugar destinado a ele, as “zonas ‘inóspitas’ e ‘inabitáveis’ da vida social” (BUTLER, 2010, p. 155). E a eliminação deste abjeto se torna aceitável, dentro desta lógica macabra, pois o sujeito se funda abnegando o outro.

A... relatou-me que uma amiga, também, travesti,

“um dia me chamou para ir em um forró. Neste dia eu estava um pouco cansada, então não fui. No outro dia ela me ligou, péssima, dizendo que tinha sido espancada por vários homens.”

A violência sofrida pela amiga de A... revela-nos essa questão: o medo que o diferente provoca na norma. Mas aqui podemos pensar que esta norma precisa ser reafirmada durante todo tempo, talvez porque se não feito ela pode

esvair-se? Muitas instâncias são acionadas para que haja a manutenção desta norma, inclusive a escola, a família.

V... relata-me, ainda, outro episódio de violência, esse, agora sofrido por ela:

“eu fui agredida na exposição (referindo-se à exposição agropecuária que acontece em sua cidade) por um cara que no caso pensou que eu fosse uma mulher, ele me olhou e achou que fosse uma mulher, quis me conhecer e me agrediu, depois que ele descobriu que eu era uma travesti que não era uma mulher. Ele me deu vários socos, vários chutes na costela, vários murros no rosto. Ele me pegou pelo braço com muita força então ficou vários hematomas, meu olho ficou com hematoma roxo, meus lábios ‘cortou’ por fora, até por dentro cortou, aí foi necessário de dar ponto, minha boca ficou enorme de inchada, eu fiquei com várias dores na costela, com muita dor, mais de um mês ficou doendo, eu tive de tomar muitos tipos de antibióticos, eu tomei três tipos de antibióticos, tomei um remédio para o estômago, por causa que os remédios era muito forte. Tomei um analgésico muito, mas muito forte. Nos primeiros dias as pessoas iam me visitar e não tinha muito de eu conversar com elas, eu conversava pouco e dormia, por causa que o analgésico era muito forte, porque eu estava sentido muita dor. E no caso quando eu cheguei na minha casa, depois que aconteceu, eu bati de frente com meu irmão, ele assustou, porque eu estava toda ensanguentada, o meu rosto você não conseguia ver o meu rosto de tanto sangue que tava. Eu tava com uma blusa branca, uma calça ‘jeans’ clara e ficou tudo sujo de terra porque ele me jogou no chão, e eu fiquei com a ‘manga’ da blusa branca, toda vermelha de tanto sangue que saiu por causa que ele me machucou demais. Aí eu não queria que minha mãe visse por causa que ela assusta muito quando vê alguém machucado. Eu tomei um banho, lavei aquele sangue e deitei, só que eu não chorei, eu não senti nada na hora. Quando

foi uma hora da tarde, porque esse fato aconteceu de madrugada, era umas quatro horas da manhã mais ou menos, aí uma hora da tarde eu fui parar no hospital, porque um amigo foi me visitar, ele falou que aquele machucado não estava bom, que eu tinha de procurar um hospital. Foi onde eu caí em mim, eu voltei à realidade, foi a hora que eu comecei a chorar, que foi a hora que eu vi o que realmente tinha acontecido comigo. Porque no momento foi traumatizante. E estava doendo demais eu fiquei em choque. E naquele momento eu voltei à realidade e foi no momento que eu fui ao hospital. Chegando lá o médico disse que não tinha como dar ponto, era necessário, mas já tinha passado do momento, já começava a infeccionar. Eu tive de passar uma pomada nos lábios e tal e tomar toda essa medicação. Inclusive eu fiquei com medo dos meus lábios ficar com algum defeito, dar algum problema.”

Estas são as instâncias, que segundo Foucault (1988), criarão toda uma teia discursiva para dizê-las e mantê-las, pensemos no relato de V... sobre o episódio de violência sofrida. Foucault nos dirá de um dispositivo, de um mecanismo para fazer emergir discursos sobre o sexo e sobre a verdade encontrada no sexo.

Em seu *Barbin* (1983, p. 82), Foucault nos fará uma pergunta “se precisamos, verdadeiramente de um verdadeiro sexo”? Responderá que a sociedade ocidental obstinou-se em responder afirmativamente a esta questão. Isso quer nos dizer que o sexo foi colocado como uma problemática para nossa sociedade. Que no sexo encontraríamos a verdade mais íntima das pessoas. Que o sexo diria quem pode, onde pode e o que pode fazer, ser feito e ser dito. Aliás, dizer, segundo o filósofo, foi o que mais fez a moderna sociedade ocidental. Um dizer sobre o sexo e um prazer em dizer (FOUCAULT, 1994, p. 19).

Em sua *História da Sexualidade*, Foucault fará

uma história de nossos discursos sobre a sexualidade, discursos através dos quais a sexualidade é construída como um corpo de conhecimento que modela as formas como pensamos e conhecemos o corpo (WEEKS, 2010, p. 50-51).

Agora os sujeitos serão inscritos na teia do poder e nossos corpos passarão a ser ditos considerando o esquema poder-saber. Um poder que, para Foucault (1988), não é central, mas pulverizado. Um poder que inventa os discursos e cria os corpos nessa relação. Um poder que, em vez do que se pensa, não é meramente repressivo. Mas um constante e infastigante falar do sexo, falar sobre o sexo. “Quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo” (FOUCAULT, 1988, p. 18). Enfim, Foucault (1988, p. 18) dirá que o poder assumirá “técnicas polimorfos”, pois este adentrará os corpos, promovendo uma incorporação do poder (FOUCAULT, 1988, p. 50). Suas técnicas provocarão silêncios e interdições, mas também proliferação de discursos. Incitação em fazer e desejo em saber. A sexualidade será inventada como um dispositivo.

O dispositivo da sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global (FOUCAULT, 1994, p. 101).

Weeks (2010, p. 51) nos diz que Foucault vê o poder como uma tecnologia sobre a vida, governando os corpos e o sexo, “oferece um meio de regulação tanto dos corpos individuais, quanto do comportamento da população, como um todo”. E esse discurso do governo dos corpos, de um saber sobre a vida, produzirá sujeitos. Foucault (1988, p. 115) dirá que o dispositivo de sexualidade é formado por quatro instâncias sendo essas a sexualidade procriativa mantida na figura do casal malthusiano. A histerização do corpo da mulher, “em um corpo integralmente saturado de sexualidade”. “A

pedagogização do sexo da criança”. E a “psiquiatrização do prazer perverso” (FOUCAULT, 1994, p. 116).

O dispositivo da sexualidade se ocupará em fazer desta algo regulado, pois, no controle das populações, essas quatro instâncias surgem como preocupações específicas, segundo Weeks (2010, p. 52), sobre tipos específicos “que são simultaneamente evocados e controlados dentro do complexo ‘poder-saber’”. É justamente aí que está o dispositivo de sexualidade dito por Foucault. O poder de saber para controlar. Um poder que quer saber para criar uma verdade. Uma norma de regulação sobre os corpos e suas especificidades. Um disciplinamento sobre esses corpos e suas vidas sexuais, inventando práticas e criando sujeitos.

A sexualidade, criada no século XIX,

é uma forma histórica do discurso e da prática [...] A sexualidade é uma questão individual: ela diz respeito aos prazeres privados ocultos, aos excessos perigosos para o corpo, às fantasias secretas; passou a ser considerada como a própria essência do ser humano individual e o núcleo da identidade pessoal (DREYFUS, RABINOW, 1995, p. 224).

Todas essas sexualidades “problemáticas”, da mulher histórica, da criança masturbadora e do perverso deveriam agora passar pelo escrutínio da “ciência da sexualidade” (FOUCAULT, 1994, p. 19). Tudo nesses corpos sexualizados deve ser analisado. Esses corpos devem ser conhecidos, disciplinados. “O corpo, a nova ciência sexual e a busca da regulação e vigilância foram relacionados” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 227). A vigilância e o controle são as palavras de ordem da ciência que nasce. “A sexualidade é quase tudo” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 228).

A confissão dos meus desejos mais íntimos, que Foucault começa a analisar a partir do concílio de Trento, surge e toma grandeza no século XIX, no qual a ciência e o discurso médico tomam um lugar soberano na construção da

subjetividade. A verdade agora é revelada por meio da palavra. É por meio do discurso, do falar sobre mim, da confissão, que chegar-se-á à verdade mais íntima, mais própria do eu. “A chave para a tecnologia do eu é a crença de que se pode, com a ajuda de peritos, falar a verdade sobre mim mesmo. Esse é um princípio fundamental” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 230). E esse eu era revelado por meio do meu sexo. “A medicina, a psiquiatria e a pedagogia transformaram o desejo em um discurso científico e sistemático” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 232).

Deste modo, a ciência que nasce, a sexualidade têm como foco o sexo. Transformar-se-á o corpo das mulheres em um todo sexual, em algo que necessita de uma análise detalhada para que se descubra a verdade sobre seu ser. O que se fará com as crianças em seu onanismo latente; também se criará um sujeito perverso, onde sua sexualidade será problematizada, vigiada e corrigida pela moderna ciência do sexo, pois, ele, o perverso, não segue propriamente os mecanismos procriativos descritos para a sexualidade “normal”. O perverso surge no século XIX como algo a ser sabido, estudado e curado. Seu sexo doente, sua fisionomia estranha definem um novo sujeito.

E a norma vai se fundando, constituindo-se nesses corpos examináveis, “[...] encrava-o nos corpos, introdu-lo nas condutas, torna-o princípio de classificação e de inteligibilidade e o constitui em razão de ser e de ordem natural” (FOUCAULT, 1994, p. 51). Seus corpos necessitam de um laudo que os digam enquanto tais, aberrantes. O homossexual do século XIX, pouco tinha a ver com o sodomita dos séculos anteriores. Sua materialidade se torna palpável. Não mais o vemos como praticante de um ato, mas todo o seu ser é sexual.

E, talvez, aqui, possamos pensar na violência relatada acima quando a amiga de A... vai ao “forró”, ou o relato de V... . Toda essa criação perversa, toda essa construção macabra na manutenção de uma sexualidade que estivesse ligada à reprodução, faz com que os outros, aqueles de sexualidades aberrantes

pudessem ser extintos. Ao estabelecer o normal e o anormal, autorizamos a destruição daqueles e daquelas que ferem a regra reprodutiva da normalidade, ou ainda, da heteronormatividade. Continuemos na sequência do relato de V... sobre a agressão sofrida. Perguntei se ela tinha procurado a polícia ao que me diz:

“Eu não dei queixa porque não ia resolver nada, eu não sei de onde que ele era, ele não era daqui da cidade. E também não sabia como ele chamava, eu não conhecia. E no momento que ele pediu para me conhecer, eu não gravei o nome dele. Foi um fato que eu apenas conheci por educação, aí ele foi e me beijou e fez o que fez. E inclusive neste dia que fui agredida ele pegou e fez com que eu calasse a boca, porque ele disse no momento que ele estava me agredindo, que se eu não calasse a boca, porque eu comecei a gritar por socorro, se eu não parasse de gritar ele me matava. Era melhor eu apanhar calada, porque senão ele ia me matar e a forma com que ele me agredia eu achava que ele ia me matar. Eu pedia pelo amor de Deus para ele parar porque eu não queria morrer naquele momento e ele me agredindo. Ele me agrediu muito, mas muito mesmo, eu tive muito medo dele me matar naquele momento. Quando ele terminou, que ele resolveu parar de me agredir e foi e arrancou um par da minha bota, porque eu estava de botas neste dia, aí ele tirou um par da minha bota e levou embora, que no caso seria o seguinte, eu creio que seja isso, ele pegou aquilo para ele mostrar para os amigos dele, para as outras pessoas que tinham visto ele me beijar, para provar para eles que ele tinha me agredido, para provar que ele tinha feito algo para pagar aquilo que tinha acontecido. E eu não fui a polícia porque eu acho que num ia dar em nada. Eu acho que deveria ter uma lei pra gente, assim como tem uma lei para a mulher, deveria ter uma lei pra gente”. (argumento que ela deveria ter ido à polícia e ela diz assim:) “por a gente ser do jeito que a gente é, por ser uma travesti, uma

transexual, eles julgam assim, porque a gente foi por conta própria, porque a gente quis ficar com a pessoa e a gente foi agredida. E no caso meu eu não fui pra ficar com ele, pra ter relação com ele, eu não tive nada com ele. Simplesmente ele me pediu para me conhecer e me beijou e através deste fato dele ter me beijado feito a confusão resolveu me agredir.”

O que chama muito a atenção nesta violência narrada, foi o fato de o agressor tomar sua bota e levar com ele. V... nos diz que pensa que ele o fez, para levar como se fosse um troféu. Um macabro troféu para dizer aos seus amigos que sua masculinidade estava salva. Esse episódio pode ser pensado sobre o viés da manutenção desta norma. Todos esses aberrantes em suas constituições, poderão ser destruídos, destroçados. Sua inadequação deve ser punida com a violência, que vimos narrada acima. Norma essa que tem sua origem em uma doença.

Segundo Weeks (2010), a homossexualidade é criada, inicialmente, como uma variante benigna da heterossexualidade, termo criado para dizer a sexualidade normal, procriativa. Porém, é nas mãos de Krafft-Ebing, “sexólogo pioneiro [...] que se tornou uma descrição médico-moral (WEEKS, 2010, p. 62). E uma moralidade que dizia como abominável, como pecado maior, o sodomita, o homossexual nascente, toma para si esta descrição. E com isso toda abjeção, toda negação que esse termo toma será incorporado a esse indivíduo. Weeks (2010, p. 62), ainda, diz que “uma norma talvez não necessite de uma definição; ela se torna o quadro de referência que é tomado como um dado; é parte do ar que respiramos”.

Então, esse par-oposição nasce em uma ciência do sexo que quer encontrar a sexualidade normal e procurar uma cura para a anormal. Portanto, o dispositivo da sexualidade faz emergir práticas para demarcar os sujeitos. Ele cria as formas aberrantes da norma e institui as características básicas de

feminino e masculino baseadas em caracteres genitais. E outras formas serão vistas, a partir dessa gênese, como formas erradas da norma. E haverá todo um investimento na construção desta errância. Muitos nomes trarão os:

exibicionistas de Laségue, os fetichistas de Binet, os zoófilos e zoerastas de Krafft-Ebing, os automonossexualistas de Rohleder; haverá os mixoscopófilos, os invertidos sexoestéticos e as mulheres disparênicas (FOUCAULT, 1994, p. 51).

São os muitos nomes que Foucault elenca sobre o poder do discurso em inventar. Em introduzir nos corpos a verdade nascente de uma ciência que tem no sexo, seu dispositivo. De um discurso que jamais cessa em inventar, em propagar, em materializar. Uma norma que passa a ser o “ar que respiramos” (WEEKS, 2010, p. 62). A nossa verdade é criada pelo crivo analítico da norma. Esse fazer surgir do psiquiatra, do pedagogo, com seu perverso e sua criança mostra que o poder é circular, não central. Que o poder faz parte de uma relação que não é meramente lícito/ilícito. Mas que o controle está justamente em fazer falar, em classificar. No prazer de saber. Deste modo, Foucault (1988) desconstrói que nossa verdade tenha nascido de uma proibição, mas de uma incitação. A verdade está em dizer de um verdadeiro sexo. E esse, aos poucos, será construído sob a égide da heterossexualidade. E contemporaneamente, a heteronormatividade.

O dispositivo da sexualidade, trazido por Foucault, tenta enquadrar as sexualidades na tentativa de estabelecer a norma e coloca o outro no “disparate”. No excêntrico, no aberrante, no esquisito, no anormal. Dos nomes científicos, trazidos por Foucault (1994), ao falatório popular. Os zoerastas de Krafft-Ebing (FOUCAULT, 1994, p. 51) à “bicha”, ao “viado”. Dos invertidos sexoestéticos aos “sapatões”, “fanchonos”, “boiolas” e tantos outros nomes que o imaginário

popular não cansou de inventar para denominar a construção feita pela norma. Pela heteronorma. Vejamos um relato de A...:

“Quando eu fazia a unha de uma mulher da alta daqui da cidade, quando eu chegava na casa dela o povo ficava na janela olhando e eu entrava ela me recebia super bem, colocava café pra mim e o povo ficava olhando até eu sair, até eu sair eles não paravam de olhar e depois comentavam com essa pessoa: ‘como que você recebe essa tal?’”

Essa fala, faz-nos pensar na desqualificação do outro. Como citado acima, o monstro é aquele que serve para me dizer até onde posso ir. Até onde o sujeito “normal” é considerado sujeito. E adentrar a zona inóspita do monstro, seus domínios sombrios, sujos e mal cheirosos é aproximar daquilo que, segundo a norma, devemos nos distanciar. Desse modo, não podemos nos aproximar do monstro, pois, de alguma forma, ele pode nos contaminar com sua monstruosidade, ou ainda, manchar com sua sujeira a nossa alvura e candidez.

Portanto o medo da aproximação é justamente o medo da semelhança. O medo de vermos em nós, sujeitos, qualquer característica do abjeto. Assim, ao isolar, estou cumprindo um dos requisitos da norma que é estabelecer fronteiras, que é demarcar e dizer, se ultrapassares terá consequências.

E é na tentativa de problematizar essa heteronorma, de repensar as violências sofridas pelas sexualidades abjetas que surgem essas discussões, não para inventar outras identidades, ou ainda para classificar mais e mais, porém, para problematizar o binômio heterossexual/homossexual. E essa pesquisa se faz neste sentido. Dar voz a essas sujeitas que se fazem, que constroem suas travessias em meio a tantos binarismos universais, a tantos olhares discriminatórios, inquisitórios.

Portanto, analisarei nas falas das sujeitas, seguidamente, a escola como ela foi trazida. Como foram esses longos anos, segundo relatos colhidos, passados dentro desta instituição. O que mais as marcaram, o que de mais significativo puderam lembrar. Assim, deixemo-nas , as sujeitas, as travestis narrarem suas experiências na instituição escola.

4 A ESCOLA NA FALA DAS TRAVESTIS

Ao chegar à casa de A... para fazer minha primeira entrevista, começamos a conversar sobre o que pretendia fazer em relação a minha pesquisa. Pedi inicialmente a ela que me contasse sobre seu período escolar, ao que me contou:

“repeti por oito anos a escola para fazer até a quarta série de grupo”. Questionei o porquê e me relatou: *“eu brigava muito na escola, acho que é porque eu não me aceitava. Começava a estudar ia até o meio do ano e depois parava”*. A... ainda disse que *“naquele tempo os meninos aproveitavam da gente, os meninos mais velhos”*. Perguntei como era esse “aproveitar” e ela disse-me: *“eram estupros né?”* E continua, *“naquele tempo era muito difícil.”*

Por que A... não viu na escola nada além das brigas e reprovações pelas quais passou? Por que tem tão pouco a falar desta instituição? Em uma entrevista com mais de uma hora de duração, ela pouco me contou sobre seus longos anos de pouca escolaridade. Ainda questionei-a de o porquê não voltava, poderia fazer o EJA (educação de jovens e adultos) e esclareceu-me: *“ah, não, todos vão ficar olhando pra gente, vão ficar comentando”*.

Quais são os olhares que A... está se referindo? Penso que não sejam olhares de admiração, muito ao contrário, olhares da crítica, mas essa não em um sentido reflexivo para sairmos de uma menoridade intelectual. Não olhares que visam discutir as normas e os preconceitos. Mas, olhares que taxam, que ferem porque inferiorizam, que discriminam porque estabelecem uma divisão: nós os “normais” e você com sua sujeira e “anormalidade”. A... ainda me conta que algumas amigas, também travestis, matricularam-se em um curso noturno da

escola básica e resolveram voltar na tentativa de completar a educação. A...
relata-me que essas foram

“tão apedrejadas que não ficaram nem uma semana. Todos ficavam olhando, comentando... Não queriam nem sentar perto.”

O que significa “não sentar perto”? Não se aproximarem? Será que se aproximar da “anormalidade” pode me fazer anormal? Quais discursos estão presentes nos olhares, nos comentários, no afastamento? A filósofa Butler (2010) possibilitará pensar esse afastamento, essa construção abjeta que “esses olhares” sugerem quando traz que o abjeto é aquele que está fora das zonas habitáveis para o sujeito. Ele constitui exatamente esse limiar, essa fronteira intransponível que jamais o sujeito poderá se aproximar.

Qual seria o medo das pessoas que “ficavam olhando” para as travestis? O medo de me igualar a estas? Ou uma tentativa de muito me distanciar daquilo que não é normal? Ainda, segundo Butler (2010, p. 155), “o inóspito” é criado para dizer o lugar do sujeito, para definir o “domínio do sujeito” (BUTLER, 2010, p. 155). Deste modo, demonstro desprezo em meu olhar para dizer que ali, na instituição escola, não é um lugar para seres abjetos como elas?

O medo da aproximação remete-nos a essa construção macabra que todos devem ser heterossexuais. Deste modo, eu construo a margem para dizer o centro. Eu estabeleço as sarjetas, “as zonas inabitáveis da vida social” (BUTLER, 2010, p. 155) para dizer que o sujeito não habita ali. Portanto, quando eu não me aproximo destas, estou reafirmando a norma que aponta as travestis como marginais, como portadoras de uma mácula. São feridas abertas expelindo pus, mal cheirosas e, como tais, devem ser fechadas, caladas, extintas.

Feridas estas que descumprem a norma problematizada por Butler (1993) do sexo-gênero-desejo. Um indivíduo que nasce com um pênis,

necessariamente deve ter seu gênero construído como masculino e orientar sua atração para o sexo-gênero oposto, logo, uma vagina, uma mulher. E aqueles e aquelas que não o fizerem sofrerão os “olhares” discriminatórios e segregacionistas desta norma.

Miskolci (2012), em seu livro: *Teoria Queer: Um Aprendizado Pelas Diferenças*, diz-nos que a escola ainda é um lugar de normalização, “de criar pessoas ‘normais’, leia-se, disciplinadas, controladas e compulsoriamente levadas a serem como a sociedade as quer” (MISKOLCI, 2012, p. 19). E se estas pessoas não seguem a regra serão marcados/as “como estranhos”, ‘anormais’, indesejáveis”. E parece ser exatamente isto que “os olhares”, narrado por A..., quer dizer. A violência do descumprimento do padrão. Mas um padrão que necessita ser questionado. Um padrão que exclui os sujeitos em suas individualidades. Que esquece que o devir, que a arte, a beleza deveriam fazer-se presente nesta escola, nesta sociedade.

Sociedade esta que me narra A...:

“quando cheguei aqui eu andava pela rua e todos me olhava, até saía nas portas das lojas para ver a gente passar.”

A... não me falou de xingamentos, de agressões até então, mas de olhares. A negação do diferente aqui, expressa-se pelos olhares. É na escola, “na rua de casa”, que A... conta-me como foi difícil para que seus vizinhos a aceitassem “naquele tempo”. Um olhar que é silencioso, ao menos aos seus ouvidos. Mas um olhar que classifica, que diz sem falar. Que exclui.

E, como tal, gostaria de pensar neste olhar silencioso. Ou ainda, neste silêncio do olhar. Que não fala propriamente. Mas muito diz. Diz da abjeção, diz da repulsa. Nega porque estranha e, novamente, nega porque fala. Diz a A... que sua diferença me incomoda, sua diferença faz rir. Mas é um riso silencioso, um

incômodo sem nada dizer. É um silêncio que olha. A... referiu-se a esse olhar várias vezes durante sua narrativa. Um olhar que dirigiu-se a ela e às “suas amigas”, um silêncio que disse a elas que não poderiam ser assim, que não deveriam estar assim. Um silêncio que poderíamos dizer presente nas escolas, no sentido que elas ainda permitam que violências como estas sofridas por A... e por suas amigas sejam cometidas. E talvez esteja aí a lógica macabra da norma, não há fala, há silêncio. Segundo Foucault (2004, p. 38), “certos silêncios podem implicar em uma violência virulenta” que deixam marcas profundas. Marcas que impedem, pois, A... ao ser questionada por mim se voltaria à escola para terminar a educação básica diz que não, que hoje não tem mais vontade, “*todos ficariam olhando*”. Todos/as ressaltariam sua diferença, todos/as, inclusive, a escola, porque essa se encontra nesta sociedade que as olham dizendo para silenciarem-se.

A... ao narrar vários acontecimentos de sua vida, refere-se à escola como um lugar de muitas brigas: “*eu brigava muito, acho que é porque eu não me aceitava*”. Em outro momento, relata-me que era abusada pelos meninos mais velhos, era estuprada por eles. Em oito anos que passou nesta escola, anos esses marcados por várias reprovações, A... não se lembrou de outros fatos, mas trouxe apenas suas dolorosas experiências. Por que a escola foi citada em poucas vezes na fala de A...? Será que suas experiências doloridas ou ainda, as experiências narradas por ela quando suas amigas voltam à escola, não podem dizer algo sobre esta instituição? Que silenciamentos a escola impõe? Que vezes ela calou? Será que nossa escola ainda reproduz padrões de gênero e sexualidade?

Segundo Louro (2010, p. 18), a escola possui mecanismos de discernimento para ver o quanto “cada adolescente e jovem está se aproximando ou se afastando da ‘norma’ desejada”. Desde muito cedo, aprendemos no pré-escolar que existe uma fila para meninos e outra para meninas. Que existem dois

banheiros, um masculino e outro feminino. Que a dicotomia mulher/homem deve ser ensinada desde cedo e ser homem significa não ter nada que possa lembrar o sexo oposto. E os meninos que não se enquadram nestes padrões de gênero, que descumprem essa regra sofrerão a violência, tal como na fala de A... que era abusada por outros meninos mais velhos. Miskolci (2012) conta-nos uma experiência acontecida consigo durante seus anos iniciais da educação básica. A formação das filas de meninas e meninos, os meninos maiores empurravam os menores para a outra fila, a das meninas. E isso significava virar “mulherzinha”, ser o “fracote” da turma.

Vejamos como me relata V... durante outra entrevista. Segundo, em seu primeiro ano escolar aconteceu um fato que iria marcá-la para:

“o resto de sua vida. Eu fui ao banheiro masculino e eu não queria usar o banheiro junto com os meninos porque eu não me sentia bem. Então fui até o sanitário (referindo-se ao local fechado, com portas, onde existe o vaso sanitário), porque eu não queria usar o ‘cocho’ (lugar onde se pode urinar de pé). Só que eu não quis usar ali, eu não tinha o costume. Ai fui até o sanitário e sentei no vaso. Dois meninos enfiaram a cabeça por baixo da porta. Eles sabiam que eu tinha esse lado homossexual e começaram a rir. Eu me senti envergonhada. A partir deste dia eu nunca mais fui a um banheiro; eu segurava minhas necessidades, mas eu não usava o banheiro da escola.”

Esse relato faz-nos pensar como os padrões de gênero estão marcados na escola. Como o binarismo masculino/feminino está bem reproduzido nesta instituição. E como a violência de gênero é forte neste relato.

Nas duas entrevistas concedidas a mim, as entrevistadas se referiram pouco sobre a escola e trouxeram histórias de vergonha, medo, abjeção. A... conta-me sobre os olhares coercitivos e V... começa seu relato trazendo algo que

a marcou para o resto de sua vida. “As pessoas aprendem sobre sexualidades ouvindo injúrias com relação a si próprias ou com relação aos outros” (MISKOLCI, 2012, p. 34). As referências ao “viadinho”, ao gayzinho” é, nessa situação da vergonha, que descobre o que é a sexualidade.

V... ainda relata-me que *“sempre tinha aquela piadinha: ele é viado, gayzinho eu não me sentia bem. Muitas vezes eu entrava para o meu quarto e isso me doía, era uma coisa que eu não queria; então eu chorava muito com aquilo, sofria muito”*

É desta vergonha a que Miskolci se refere, da humilhação do diferente. Assim, as pessoas que não possuem um gênero em conformidade com o esperado, serão as/os maiores alvos da correção, da norma, da heteronormatividade. V... relatou-me que somente voltou a frequentar um banheiro público depois que se “transformou”. O transformar aqui se refere ao processo de se montar, de tomar a indumentária feminina, de se “sentir mulher”.

São destes silêncios que problematizo aqui. Dos silenciamentos provocados por uma norma, por uma escola que, ainda, não entendeu o diferente. Por uma escola que não traz a diferença em sua constituição. Temos banheiros masculinos e femininos, temos filas para meninos e para meninas. Assim, quando o diferente adentra seu local e não se enquadra nesses padrões de gênero ele/a será silenciado/a, pois pouco existe nesta instituição que o/a diga. Portanto as lembranças de A... e de V... são lembranças de silêncios. É a dor das feridas, talvez cicatrizadas, mas que deixam marcas nestes corpos que se esvaem da mão taxativa da norma. Dessa que não traz o outro e suas significações. Mas apenas o que importa é um eu. Um eu heterossexual, branco, masculino.

E essa heterossexualidade compulsória, que existe para que todas/os sigam-na é que precisa ser repensada, e uma escola que ainda se faz em padrões

heterossexistas. E por que não pensá-la, a escola, para além destes padrões? Por que não pensá-la para além das construções identitárias que tem na heterossexualidade sua fundamentação?

Assim, procuro dialogar com uma perspectiva “que exigiria repensar a educação a partir das experiências que foram historicamente subalternizadas” (MISKOLCI, 2012, p. 17). Considerando as experiências dos e das considerados/as estranhos/as a um padrão de gênero, de sexualidades e de práticas sexuais. E repensá-las/los, a partir da educação é uma tarefa importante, pois a educação funciona como um dos pilares do biopoder, “um dos grandes investimentos biopolíticos do estado” (MISKOLCI, 2012, p. 16).

Na escola tudo parece tão natural, dois banheiros, duas filas, azul e rosa. E aí está a dinâmica do poder em produzir sujeitos “normatizados” e “normalizados”. A lógica imperante é a heterossexual. E nem falo dos discursos explícitos dos xingamentos trazidos por A... e V..., mas da construção de dois gêneros, do feminino e do masculino. Ou você vai ao banheiro dos meninos ou vai ao banheiro das meninas. Ou isto, ou aquilo. Mas nunca, o isto e aquilo e aquele e aquela e aquilo outro ou ainda nada disto. Só existem dois gêneros em um ambiente que parece desconsiderar o plural. E pensando no discurso que todas/os devem passar por esta escola, devem de alguma forma serem “educados/as”, podemos ver a grandeza tecnológica do biopoder em espalhar suas artimanhas de construção do gênero correto, da sexualidade imperante e das práticas sexuais legítimas.

E, talvez, a educação deva problematizar a heterossexualidade como culturalmente construída, como mais uma prática dentre muitas outras possíveis e não como a única forma de expressão dos seres humanos. Que o outro/a possa sentir-se parte desta escola e não como alguém alheio às discussões que deveriam ser feitas ali.

Miskolci (2012) afirma que, ao coordenar um curso de gênero e diversidade na escola no ano de 2009, deparou-se com uma grande ansiedade dos profissionais da educação em saber com quem estavam lidando em suas práticas. Porém, ele relata que essas vontades passavam por saber como denominar os discentes. “O que é tal aluno? Ele é travesti, ou transexual?” (MISKOLCI, 2012, p. 18). É cair novamente no binômio hetero/homo. Novamente no isto ou aquilo. E segue dizendo: “ou ainda, por outra circunstância aos termos da sigla LGBTT, um número limitado de formas de identificação”. Assim, apenas se trocam os nomes, mas não há uma discussão e a reiteração da norma heterossexual continua a ser feita. Pois, digo a todas/os que assumam uma identidade. E, se assumir travesti em meio a uma sociedade que as despreza torna-se uma tarefa difícil, portanto, ao fazer as identificações acaba por punir aquelas e aqueles que se distanciam do padrão, da heterossexualidade.

E punir foi o que a escola fez durante muito tempo, pois ela era uma das instâncias do poder em produzir corpos governáveis. Corpos que deixariam se governar. “Uma forma poderosa de normalização coletiva” (MISKOLCI, 2012, p. 40). E pensar a escola por meio de outra perspectiva é trazer os silêncios dos esquecidos, daqueles que são violentados/as a todo o momento pelo discurso segregador heterossexual imperante ainda em nossos meios educacionais. Quando V... diz que era chamada de “viadinho”, “boiola” e quando voltava para casa se trancava no quarto e ia chorar é desta violência gratuita, deste sofrimento presente nestas ofensas e que dizem na sua forma que V... não poderia estar ali. Que V... não poderia ser daquele jeito.

“Um olhar a partir das diferenças na educação implica tentar perceber os modelos e os padrões” (MISKOLCI, 2012, p. 47). E quais são esses modelos e padrões? Será que não seriam do branco, masculino e classe média? Mas e todos os outros, aquelas e aqueles que não se enquadram? Por que não podemos trazer outro olhar, algo insubordinado, algo que conteste as hegemonias existentes,

algo mais artístico, que tenha mais cores e que contemple mais o diferente. E que não vejamos o outro fora da minha zona de conforto, mas que esse possa se juntar a mim, também, em uma confortável diferença insubordinável.

O professor Gallo (2012, p. 1), refletindo sobre o outro e “tantos outros”, diz-nos que a educação é um “empreendimento coletivo” e que ainda “a educação é um encontro de singularidades” e que essa “pode promover encontros alegres ou tristes, mas sempre encontros”. Quando A... diz que repetiu por oito anos a escola primária, o que hoje seria o ensino fundamental, penso qual encontro ela teve com a educação? Ela me narra que começava o ano e depois parava. Questionei-a o porquê, que me respondeu:

“Eu brigava muito na escola, acho que é porque eu não me aceitava.

Também me disse que os meninos “mexiam” muito com ela chegando até a abusar.

Ao assistir a um vídeo¹⁶ no site de compartilhamento de vídeos, *youtube*, sobre uma reportagem feita pelo canal de televisão SBT, aonde este, vai até uma escola e conversa com uma travesti de nome Isabele. O vídeo começa com uma jovem vindo de bicicleta e, no fundo, a narração da repórter. “Isabele está cursando o terceiro ano do ensino médio e quer ir para a faculdade, mas o dia a dia na escola está cada dia mais difícil. Isso porque Isabele, como pede para ser chamada, é na verdade do sexo masculino”. Na cena seguinte, a câmera mostra uma carteira de identidade com um nome masculino. Assim, a reportagem segue e a discussão é a seguinte: qual banheiro Isabele deve frequentar? A direção da escola a orientou a usar o banheiro masculino dos professores. Ela diz que pediu aos professores/as para se referirem a ela durante a chamada pelo nome social, e

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UtDIHDp-iTE>. Acesso em 17 de setembro.

diz: “quatro ou cinco até o momento aceitaram”. E continua a reportagem. Agora com a palavra um promotor da vara da infância e da juventude que dispara: “Ninguém vai ser acusado de homofobia, porque trata alguém de acordo com o sexo que está no seu registro de nascimento”.

Durante todo tempo da reportagem, Isabele era tratada no masculino. “O jovem”, “ele”. Será esse um feliz encontro com a educação? Quando a escola diz a essa, que deve frequentar o banheiro masculino dos professores, será que a escola não está reproduzindo e reiterando a norma? Por que apenas quatro ou cinco professores aceitaram chamar Isabele pelo nome social? Vejamos na fala de Peres (2010, p. 59):

Entre tantos temas chamados de transversais pelos operadores da educação, a temática da diversidade sexual parece ser um assunto dos mais inquietantes. Se lidar com a expressão de gays e de lésbicas é complicado, quando os trabalhadores da educação se deparam com as travestis, transexuais e transgêneros, eles se mostram ainda mais perdidos e despreparados, o que na maioria das vezes impede a possibilidade de abertura de diálogo e problematização a respeito da emergência desses diferentes modos de existencialização, presentes em nossos cotidianos. Possibilidade que, a nosso ver, poderia contribuir para a diminuição e/ou a erradicação do racismo, machismo, homofobia, lesbofobia, travestifobia e transgênerofobia, e de fato se tornar uma escola para todos e todas.

Essa fala de Peres (2010) nos ajuda a pensar nesta escola que ainda não se encontra aberta a promover felizes encontros com a educação. Em uma escola onde os preconceitos são reiterados a todo o momento e deste modo torna-se difícil para essas pessoas permanecerem na escola. Vejamos na fala de V... um episódio passado na escola:

“quando eu tinha quinze anos morei em Belo Horizonte; quando comecei a estudar lá, os meninos de lá suspeitaram que eu era ‘homo’, só que

não falaram nada. Ai pediram para eu ficar com uma menina. Me apresentaram uma menina e ‘perguntou’ se eu beijaria essa menina no final da aula. Eu disse que beijaria, mas aquilo estava me fazendo mal, toda hora eu olhava no relógio para ver se o final da aula estava chegando, parecia que a hora estava voando e eu não conseguiria beijar a menina. Quando deu o sinal eu sai por outro portão e corri muito para casa. No outro dia eles me questionaram eu disse que tinha esperado no local, foi onde descobriram que era mentira minha porque eles esperaram ali. Eu não conseguiria beijar uma menina. Ai depois eles começaram a me ‘zoar’. Teve um que até veio falar comigo, eu xinguei ele e a gente discutiu. Não chegamos a brigar, nem ele a me agredir, fisicamente não, mas psicologicamente ele me agrediu. Ai dentro da sala de aula começaram a gritar, ‘viadinho’, ‘bicha louca’. A gente sentava no fundo da sala ai o professor não viu. Ai tinha outro menino mais velho que me defendeu porque senão eu acho que o menino tinha me agredido fisicamente.”

Esse episódio acontece durante uma aula e o professor não vê. V... relata que eles discutiam, que era chamada por várias nomes como “bicha louca” e é quase agredida por um outro estudante. O outro parece tão distante da escola que ela finge, ou realmente não nota esse outro e seus gritos por ajuda. Um outro que a todo o tempo é atormentado por nomes terríveis. E aqui posso pensar em minhas experiências com a escola, que em muitos momentos alguns desses nomes terríveis eu os ouvi. E por mais de uma vez pensei em abandonar a escola, mas encontrei uma estratégia que funcionou, tornei-me o mais silencioso dos meninos. O mais apagado e retraído. Pois, o que eu queria era ser esquecido, nem era mais passar despercebido, era o esquecimento no silêncio do meu medo. Na maior parte do tempo eu conseguia, porém vez ou outra, ainda ouvia um xingamento. O que fazia reforçar a minha estratégia e me cobrar ainda mais em

parecer um heterossexual fervoroso, ou seja, ter o mínimo possível de alguns trejeitos que poderiam suscitar ouvir falas que eu tanto detestava.

E quero citar algumas pessoas que transformaram os xingamentos, as ofensas passadas e resistiram a tudo isso, talvez aqui eu também o faça. No sentido que, a minha experiência do medo, do retrain-me no meu silêncio, busco formas para entender essa experiência a partir de outras experiências que podem se assemelhar a minha. Não a experiência da travestilidade, mas a experiência da vergonha, da humilhação, como citado em Miskolci (2012). Como disse anteriormente, o meu ser, agora, passa pelo ser das travestis. Eu não sou travesti, mas minha subjetividade é reconstruída e posso revisitar histórias há tempos deixadas na parede da minha memória. E retomar tudo isso é refazer-me. É buscar algo que possa dar sentido à tragédia da vida. De uma vida que, às vezes, faz-nos chorar, como quando eu, um dia, durante minha sexta série, já chegando em casa, triste, muito triste por ter sido ofendido por algo que ainda não entendia em mim, mas que parecia que as pessoas não gostavam. E são essas experiências que foram revisitadas e posso dizer, rearranjadas dentro de mim com base na experiência do outro. Foi dado a elas um novo sentido, que é meu, que se incorpora a partir de agora à minha experiência. Deste modo, buscarei citar algumas pesquisas feitas por travestis e transexuais, sobre suas resistências-experiências na escola. Resistências no sentido de que transformaram sua dor e que essas, fizeram-nas voltar para a escola, para lá se fazerem como professoras. Vejamos aqui, suas experiências transformando-se em resistências, misturando-se a outras experiências e a outras resistências, dentro da escola. Pensemos na fala de Marina Reidel:

lembro como se fosse hoje, no dia 16 de maio cheguei à escola com a novidade de que iria fazer a cirurgia de mamoplastia, cirurgia plástica no nariz, retocar a pele e os lábios. Quando conversei com a diretora da escola sobre a cirurgia, ela ficou chocada. Ficou em pânico, dizendo como

seria a reação da comunidade escolar. Mesmo assim, deu apoio e disse que iria assumir junto comigo. Lembro que ela pediu cópia da lei estadual 11.872 que trata da discriminação e preconceito em âmbito geral no estado do Rio Grande do Sul e a própria Constituição Federal que no artigo 5º diz que, “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza; É inviolável a liberdade de consciência e de crença; São invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas”. Após xerocar todas as leis, tratou de espalhar cópias pela escola a fim de mobilizar e situar todos diante da situação. [...] Retornei, no salto e tentando equilibrar-me em cima, montada e arruma de todas as garantias de poder executar minhas tarefas sem problemas e com uma nova experiência a ser vivida, a tarefa de ser professora e, acima de tudo, uma mulher. Posso afirmar que nunca desci do salto, mesmo sabendo que poderia passar por diversas situações com pais, alunos e colegas. Mas não desisti! Assumi publicamente minha condição e nunca me arrependi do que fiz. Assim, muito mais segura, estava vivendo um momento muito importante e bem mais feliz da minha vida. Joguei tudo neste jogo da vida e apostei na felicidade, já que era uma vida reprimida em um corpo que não era o meu e com muitas marcas de sofrimentos e lágrimas. Muitas vezes chorei sem que ninguém visse. Muitas vezes não sabia o que fazer até olhar para o espelho e perguntar por que era assim? Por que as pessoas me agrediam? Por que eu tinha que chorar ou pagar por um preço tão alto, se o que eu queria era apenas ser feliz? Lembro que um dia alguém me disse se eu conseguisse atravessar um arco-íris depois que a chuva passasse, viraria uma menina. Juro que por toda minha infância, fiquei procurando arco-íris para que isso se realizasse (REIDEL, 2013, p. 13).

Assim Reidel (2013) questiona o porquê lhe batiam, quando na verdade tudo que queria era ser feliz. Marina Reidel é uma professora transexual e esse relato fala de quando ela chegou à escola transformada, em cima do salto alto. Disse que a diretora preparou toda a comunidade acadêmica para recebê-la e para que essa recepção não fosse malfada, fez uma discussão com os alunos, falou com o professor de ensino religioso para que esse problematizasse em torno da homossexualidade. E Reidel (2013) relata que foi maravilhosa sua volta

para a escola, depois da transformação. Que os alunos estavam curiosos para ver como tinha ficado a mudança. Enfim, Reidel enfrenta com garra e fervor seu medo dos pais dos alunos, dos colegas na escola e dos alunos. Mas ela resiste e enfrenta. Essa, talvez, tenha sido sua estratégia, a de enfrentar os olhares, os risinhos e colocar seu salto alto e se tornar professora.

Outra pesquisa muito relevante sobre travestis e transexuais na escola, é a realizada por Adriana Sales da Universidade Federal de Mato Grosso. Essa pesquisadora e também travesti é professora da rede estadual de ensino, como escreve em sua dissertação,

ao tornar-me professora, funcionária pública e concomitantemente ativista social do movimento travesti e transexual brasileiro, pude chegar até aqui e começar, através da academia, mais especificamente no Programa de Pós-Graduação em que estou matriculada [...] provocar inquietações sobre o papel da escola e de como esses sujeitos compreendem e representam essa instituição (SALES, 2012, p. 1).

Assim, Sales (2012) disserta sobre as inquietações de algumas alunas travestis, no ambiente escolar e como essa instituição as vê. “Reflete sobre as novas possibilidades de construção identitária e de gênero, com olhares para as travestilidades” (SALES, 2012, p. 6). Para isso, vai até a escola e problematiza a fala de três alunas travestis.

Citarei, também, a pesquisa de Neil Franco (2014), professor que pesquisa travestis, transexuais e transgêneros das cinco regiões brasileiras. “Doze professoras *trans*, das cinco regiões do país compõem o universo investigado, sendo duas da região sul, quatro da região sudeste, três da centro-oeste, duas da nordeste e uma da região norte” (FRANCO, 2014, p. 1).

Franco analisa as desestabilizações que são provocadas pela presença destas novas formas de construção identitária na escola e os possíveis saberes surgidos daí.

Intentamos verificar em que medida essas professoras geram o questionamento de normatizações culturalmente estabelecidas e se em suas práticas docentes desencadeiam novas formas de ensino e aprendizagem no que se refere à discussão sobre gênero e sexualidades (FRANCO, 2014, p. 10).

Franco (2014) problematiza as falas das duas travestis citadas acima, Marina Reidel e Adriana Sales. E diz que o fato delas terem buscado “estratégias para fazer do ambiente escolar um espaço vivível, que faz de todas as professoras travestis, transexuais e transgêneros investigadas sujeitos de resistência” (FRANCO, 2014, p. 10), por justamente terem encontrado formas de sobreviverem ao espaço da escola, no sentido de que na escola tem-se muito presente as normatizações de gênero. Podemos problematizar a fala de Franco (2014) ao relato de V... .

Retomemos a fala de V... e o sofrimento desta ao ser questionada se beijaria uma mulher. Quando ela diz: *“eu olhava as horas e essa parecia que estava voando, pois eu não conseguiria beijar uma mulher”*. Problematizemos a morbidez nesse ato. Eles queriam divertir-se em ver V... beijando uma mulher e penso, desmascará-la. A existência de uma sexualidade considerada normal, correta e que todos e todas devam segui-la, faz com que violências desta natureza aconteçam muito, dentro e fora da escola. Afinal a escola se encontra em uma sociedade que produz esse discurso e o reproduz ao infinito.

Segundo Peres (2010, p. 63)

os relatos evidenciam um mundo de terror e violência nas quais as pessoas que, na busca de sua felicidade escolhem romper com os padrões morais estéticos são submetidas às atrocidades dos preconceitos de pessoas viciadas em identidades que acreditam ser os donos da verdade e dos modelos pré-estabelecidos como *a priori* dos modos existenciais.

A leitura de Peres (2010) nos faz pensar na manutenção dessas identidades. E de quais identidades? Das desviantes? Das “escapantes”? Aqui buscando um termo que possa ajudar-me a pensar essa identidade que foge, que exala por entre os dedos. Como na metáfora da água (RIBEIRO, 2009), que corre, que evapora, enfim que escapa, essas identidades não se manterão, mas a norma tentará fazê-la. E usará de milhares de artifícios para conseguir. A narrativa de V... faz-nos pensar na humilhação que este diferente sofre simplesmente por sua diferença. Esse outro que eu não quero ver, que quero destruir; esse outro que não faz parte de mim. Sua dor, sua tragédia pouco me interessa. Muito ao contrário, suas questões estão distantes de mim, afinal, esse outro é aquele abjeto, passível de destruição. E os lugares dos sujeitos não podem estar infestados de abjetos, de monstros. Portanto, ao desqualificar esse não-sujeito, o que estou a fazer é estabelecer o limite. É fazer valer o dispositivo de sexualidade, é mantê-lo.

Andrade (2012), a primeira travesti a receber um título de doutora no Brasil, como foi noticiado em alguns canais de comunicação, traz em sua tese que existe uma ordenação espacial,

a sociedade criou uma espécie de ordem espacial que serve para guiar os indivíduos na caminhada do dia a dia. Cada espaço tem uma ou algumas funções específicas: a igreja é para rezar, a praça para conversar com os amigos, ou namorar, a cozinha para fazer comida, a sala para receber os hóspedes, o quarto para dormir, a garagem para colocar o carro, o banheiro para fazer as necessidades fisiológicas, etc. A escola também tem uma cartografia e um ordenamento;

nas décadas de 1930 e 1940, por exemplo, as mulheres não podiam estudar com os homens; na década de 10 do século XXI as mulheres não podem usar os mesmos banheiros que os homens e os homens não podem usar o mesmo banheiro que as mulheres (ANDRADE, 2012, p. 156).

A escola mantém esse ordenamento, principalmente, na figura do banheiro. Andrade (2012), em sua pesquisa sobre a problemática do banheiro, afirma que estabelecer os papéis de masculino e feminino tão bem delimitados reforça o padrão que exista apenas o gênero masculino, definido pelo nascer com um pênis e o contrário, o feminino, que seria nascer com uma vagina. São as características anatômicas da espécie que definiram quais os papéis que cada um/a deve praticar. Portanto, meninos, portadores de pênis, vão ao banheiro masculino e meninas portadoras de vaginas ao banheiro feminino. Isso nos leva a ver os padrões ainda defendidos por essa escola. O dualismo heterossexual preconizado faz com que outras sexualidades não tenham espaço, ou, não tenham o mesmo espaço que as sexualidades ditas padrão.

Quando V... vai ao banheiro, logo no início de sua vida escolar e passa por uma experiência humilhante, quando os meninos a veem sentada (na época ainda trajando a indumentária masculina) na bacia sanitária, o que não é definido como um “papel” masculino. Os meninos deboçam dela, o que faz com que ela nunca mais entre em um banheiro público novamente, até se transformar. V... relata-me que ia para casa com vontade de fazer suas necessidades biológicas, mas não ia ao banheiro da escola. Será por quê?

Andrade (2012) constata que o uso do banheiro por uma travesti na escola ainda é muito problemático. Ela diz que a travesti não poderá usar o banheiro feminino porque tem um pênis, e o que define seu gênero é a presença deste órgão, segundo constatou em questionários aplicados em diferentes escolas.

As falas se ancoram em uma suposta naturalidade, como se a divisão entre masculino e feminino fosse natural, como se a separação entre banheiro feminino e masculino fosse destituída de história, como se pênis e vagina fossem, desde sempre e para sempre, a linha de fronteira que delimita a geografia e a cartografia dos banheiros, como se não houvesse saída para identidade travesti (ANDRADE, 2012, p. 154).

Andrade (2012) nos chama a atenção para o binarismo excludente desta lógica e para o determinismo biológico em que esse discurso se baseia. Se a travesti tem um pênis, logo terá de frequentar o banheiro masculino. Muito embora esse discurso seja sem nenhuma reflexão, muitas vezes com um fundo religioso. Retomemos a fala de Peres (2010), quando esse fala do despreparo da escola para lidar com as questões das travestilidades, por exemplo. Como esse outro travesti ainda causa assombro, medo e, em muitos casos, repulsa. Assim analisa Andrade (2012, p. 155): “Quando um professor diz: ‘acho que o travesti pode usar o banheiro, desde que com discrição respeitando os colegas heterossexuais’”. A travesti até pode usar o banheiro, porém, com algumas restrições. Isso demonstra ressalvas no uso do banheiro, como bem lembra Andrade, é como se a travesti fosse atacar alguém, a qualquer momento. Esse é o medo do outro, daquele e daquela que não corresponde ao esperado socialmente. Pois, os banheiros são feitos para homens e mulheres e não para outras pessoas. Não há outros gêneros, não há outras sexualidades. E Andrade, ainda chama a atenção para a dupla perversão em torno da travesti, pois, quando se referem à travesti, é por meio de xingamentos, “é mulherzinha, é viadinho, é passivinha, é bicha veia, da o cu que chora” (ANDRADE, 2012, p. 155). Ou seja, desqualificando a falta de “masculinidade” por tanto se assemelhar ao outro sexo. Porém, quando esta vai ao banheiro, ela tem de ir ao banheiro masculino, afinal, ela possui um pênis.

Andrade (2012) diz que o que está em jogo são as construções sociais da norma. É a própria manutenção desta norma que está em jogo. Manter o binarismo de gênero e de sexualidade é perpetuar a norma, e que uma das funções da escola é manter padrões, ensinar padrões. Andrade (2012, p. 156) diz que uma de suas interlocutoras disse que cabe a escola ensinar, “mas não qualquer coisa”. Ou seja, as questões que devem ser ensinadas já estão postas e qualquer coisa não é possível, não é aceitável. Logo, se temos uma escola que se encontra em uma norma, e essa diz aos diferentes que eles não devem aparecer, devem ficar o quanto mais longe possível dos lugares higienizados por esse mesmo discurso, e a escola é um desses lugares. Esta escola acaba por continuar essa lógica, por promover tristes encontros, dolorosas experiências. O que Andrade (2012, p. 153) denomina de “pedagogia da dor”, uma aprendizagem pela coerção, que é

impor aos indivíduos um adestramento corporalmente à norma vigente que implica sobretudo negar o que lhes proporciona prazer (considerado desviante) e assumir o que lhes causa sofrimento (prevista na norma) de forma antagônica até que não ocorram mais resistências e tudo fique normatizado (ANDRADE, 2012, p. 153).

Precisamos pensar em novas práticas escolares, em novas formas de conceber essas sujeitas dentro deste espaço. Por que a travesti não pode ter seu nome social falado quando a chamada é feita pelo professor/a? Por que os espaços escolares, ainda são pautados por uma lógica binária heterossexista? Em que a diferença parece não existir e quando esta se aproxima de toda essa higienização, são acionados os mecanismos de defesa de manutenção desta norma. Quando A... diz repetir por muitos anos a escola e isso também é percebido na fala V..., será que toda a tecnologia em produzir o sujeito e seu contrário não estava aí sendo usada? Seja nos abusos feitos por outros meninos que A... retrata várias vezes, ou ainda, nas ofensas proferidas à V...?

O poder aqui é tão minucioso em espalhar suas garras, que na maioria das vezes age nos silêncios dos olhares, nas entrelinhas dos gestos, no afastamento das cadeiras, no distanciamento desse outro. Mas não dou a chance a esse de tornar-se ele mesmo, ou seja, o outro. É como se apenas o eu existisse. A abjeção é tamanha que não parece haver formas para que esse outro exista. Tudo é tão natural. Mulheres frágeis e homens fortes. Mulheres passivas e homens ativos. Mulheres limpam e homens sujam. No entanto, chega a travesti e destrói toda essa naturalidade. Ela é frágil, mas ao mesmo tempo é forte. Ela é passiva e ativa. Ela tem peitos, mas goza com seu “pau”. “Rasga cuzinhos”, mas também é “rasgada”. Por que, ao invés da escola ser tão isto ou aquilo, ela não possa incorporar a diferença e se tornar isto e aquilo? Por que esse outro não pode ser pensado enquanto diferença, enquanto singularidade e não como representação? Gallo (2012) nos diz que na modernidade, o outro é criado enquanto representação do eu. O outro é fruto do meu pensar e, portanto, representação.

Nesta lógica, a educação se torna uma repetição do eu pensante, uma transmissão de conceitos e métodos. E, portanto, não toma o outro para seu âmago. O outro esbarra nesse eu que não deixa a diferença se manifestar e a destruição desse outro se torna iminente. No entanto, por que não pensar na educação que se faz pelo outro (GALLO, 2012)? Uma educação que proponha que o educar se torne um acontecimento. Aquilo que não tem tempo, e que o tempo seja sempre do outro. O que não quer dizer a ausência de métodos. Mas na verdade um convite, segundo Gallo (2012, p. 15): “educar significa lançar convites aos outros”. Sendo assim, como fazer com que a escola lance seus convites ao outro? Entendendo esse outro como diferença, como singularidade e não como representação?

5 (IN)CONCLUSÕES: ENCONTROS COM O OUTRO QUE DESAFIAM OS SILÊNCIOS

Se concluir é chegar ao fim, aqui falarei de começos. Essa pesquisa começou a ser construída quando adentrei o antigo curso de especialização em educação, que era oferecido pelo Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras. Era o ano de dois mil e dez. E adentrei às vistas de conhecer uma professora, Cláudia Ribeiro e sua disciplina que era Temas em educação sexual. Ainda me lembro de umas das primeiras discussões feitas em torno da homossexualidade provocadas a partir da leitura de um texto teórico. Foi a partir dessa disciplina, que pude revisitar os meus silêncios de outros tempos na escola. E perceber que eu tinha de voltar a esses silêncios e a outros silêncios. Não os meus, mas de outros e outras silenciados/as pelo poder disciplinar, segregacionista, discriminatório da norma. E foi nos silêncios dos outros, que revisei os meus.

Durante a disciplina Temas em Educação Sexual, pude me entender um pouco mais. Entender e perceber porque me sentia e me via tão pouco importante aos olhos dos outros. Hoje, não sei mais se as pessoas me viam tão desinteressante, mas o fato é que eu tinha interiorizado tão profundamente os xingamentos de outrora que a visão trazida pela norma era a que tinha de mim mesmo. Se até aquele momento eu relutava em me maltratar, a partir de então, não quis mais.

Considero que essa pesquisa se delineia neste momento, porque a partir daí, busco entender o meu silêncio por meio dos silêncios dos outros. Proponho ver/entender no outro a semelhança do eu. E algumas questões se formam: por que existem tantos nomes terríveis, sendo gritados aos quatro ventos, contra algumas pessoas, sem que elas nada tenham feito? Apenas suas existências é

motivo para maldizê-las? E se são malditas, nada pode ser feito para que o contrário ocorra?

A leitura de Foucault (1988) proporciona-me entendimentos com relação ao surgimento da homossexualidade como categoria de análise. O que antes era de ordem moral, da justiça penal, um delito, segundo Foucault (1988) passará à ciência médica como interesse de estudos. Na monografia dessa mesma especialização, procuro estudar o surgimento desse perverso (FOUCAULT, 1988) e sua categorização como doença no século XIX. Nesses estudos, feitos com base em Foucault e em outros/as autores e autoras que constroem seus argumentos na leitura desse filósofo, argumentei em torno da construção de uma monstruosidade social, ou seja, o homossexual surge como aquele que revela ao sujeito, portador de uma sexualidade voltada à reprodução, à heterossexualidade, à demarcação de uma fronteira imaginária, mas que se revela muito real na prática. Todo o caráter moral assumido por essa nova sexualidade, dirá ao sujeito, portador da boa sexualidade, toda a abjeção em torno da má sexualidade. Começará a partir de então, ou voltará, como podemos pensar, a verdadeira caça às bruxas. O surgimento doentio dessa sexualidade trará mortais consequências aos novos pacientes dessa ciência. Seus corpos serão escrutinados e todo o seu ser, será exposto no discurso de uma norma que levará até as últimas consequências o seu cumprimento. A partir de então, começo a entender o meu silêncio.

E chegar até o outro foi uma dura tarefa. Dura no sentido, que aos poucos eu ia me destituindo dos meus medos há tanto tempo fixados. Perdendo a cada página lida, a cada aula assistida e debatida, o medo de algo que também era eu. Será que hoje posso dizer que perdi o medo de mim mesmo? Que perdi o medo de ser eu e não mais o outro taxativo, monocromático, regulador e que ficava apontando em mim o estranho? E vejo como o discurso heteronormativo se encontrava, nesse sentido, presente em mim. Eu não me via porque eu não

queria ver o outro. E foi somente quando comecei a ver o outro que pude me olhar.

Esse outro se fez para mim um universo que queria conhecer, mas não porque eu o iria estudar. Mas porque esse outro fazia parte de mim e eu o queria encontrar. Como dito anteriormente, eu não chorei junto a esse outro, eu não sofri as perdas desse outro, eu não apanhei calado em um banheiro sujo, fedendo a “mijo” e a esperma. Mas esse outro se descortinava para mim, porque eu precisava sentir essa dor, precisava me embeber de toda sua tragédia, porque em algum lugar em mim essa também era minha tragédia.

O meu silêncio, a partir de agora, não era mais solitário, como muitas vezes senti. Eu vi em muitos outros e outras, sujeitos e sujeitas a tragédia de serem contrários à norma. A tragédia do atravessamento da existência. Do sujeito que é criado pelo discurso e colocado no não-lugar daquele que deve ser curado em vista da boa sexualidade. Entendamos tragédia, como no Zarathustra de Nietzsche (2000), a corda bamba revela a vida que balança. A vida que não tem fixidez, mas um para lá e um para cá, que estamos todos/as a atravessar, fazendo malabarismos com as intempéries do poder, ora derrubando palhaços demoníacos, ora subvertendo-os e como toda tragédia, alguns sucumbem, mas outros aprenderão a andar no balanço dessa existência, pulando muros e saindo de seus casulos, transformando-se em borboletas do devir.

O encontro com esse outro se deu por meio das travestis. Quem são essas ditas monstruosas pela norma? Quem são essas que se fazem tão fortes no atravessamento de suas existências, que são capazes de subverter esse poder e se fazerem em meio a tamanho subjugamento do discurso hegemônico? Quem são essas que tiram da dor a beleza para seus corpos?

Como essas sobrevivem em meio a todo preconceito e discriminação? Eu enquanto professor, nunca presenciei uma travesti na escola. Onde elas estavam?

E assim se fez nessas páginas. Uma construção-entendimento baseada nas falas de duas sujeitas, A... e V... . O que essas tinham a me dizer sobre a escola e sobre suas vidas em uma sociedade que tanto maltrata todas as suas diferenças e as travestis fazem parte destas diferenças? Que construções elas fizeram em suas vidas a partir da subjetivação da norma?

E depois de um intenso trabalho de revisão bibliográfica, com a leitura de alguns autores/as considerados/as fundamentais ao tema proposto, fui até essas sujeitas, como problematizei denominá-las aqui. Inicialmente, iria pesquisar suas falas sobre a escola e assim problematizaria o que essas me dissessem sobre essa instituição. Porém, pouco tinham a me dizer e o que disseram, foram terríveis lembranças. Em entrevistas que chegaram a uma hora ou mais, as lembranças com relação à escola eram poucas e malditas. No entanto, fora essa maldição que problematizei, pois essa era uma constante entre as duas entrevistadas e foi neste momento que vi o meu silêncio no silêncio delas sobre a escola.

Se eu tinha ido pesquisar esse outro dentro da escola, porque era lá, na escola, que estava a construção inicial do meu silêncio. Eu tinha de entender toda essa construção da heteronorma na escola a partir do outro.

Deparei-me com um universo de possibilidades de construções de existências. Que tem no corpo sua questão fundamental. As travestis constroem suas existências em seus corpos. Em seu processo de subjetivação, elas colocam todas suas forças na fabricação de um corpo que seja o mais feminino possível. E fazer deste corpo um local de feminilidade é o que elas se propõem. Abafar todas as características que lembram o anguloso, o reto, o duro, são o que fazem a todo momento de suas vidas. Portanto, seus corpos, são corpos-existência, ou seja, existências que se fazem em corpos. A travesti é o seu corpo e o seu corpo é sua existência. Na feminilização dele , elas investirão tempo, dinheiro e, por vezes, muita dor.

A dor aparece com a colocação do silicone industrial em seu corpo, o que revela a busca por ser uma travesti. Essa não é a que veste uma roupa feminina. A travesti é aquela que investe no feminino desse corpo. E para isso recorrerá à dolorida e abjetável prática da injeção do silicone industrial. Como se estivesse fazendo seu rito de passagem, do menino feminino à mulher que se tornará. Porém, essa prática traz consigo toda abnegação que essas atravessantes sofrem. O líquido que injetam, muitas vezes, não é esterilizado, podendo provocar infecções, levando à morte. No entanto, como a construção desse corpo se revela mais importante que os perigos dessa prática, elas, com as forças que possuem, ousam balançar na corda da existência, enfrentando de peitos em riste, toda sua tragédia. A tragédia da mulher de peitos, ou ainda, a tragédia da mulher com um “pau”.

E o disfarce do anguloso, por meio desses métodos, revela o não-lugar que seus corpos, malditos pela norma, ocupam. A colocação do silicone industrial revelou-me a falta de políticas públicas suficientes, que possam atender as travestis. E essa é uma constante, na literatura em questão. As travestis sempre a reclamar e a gritar por seus direitos. O direito a não morrer nas mãos de uma “bombadeira”, não que essa tenha culpa pelo ato de “bombardar” outra travesti. Aliás, as travestis a consideram sua fada madrinha, pois essa é a única a possibilitar o nascimento desse corpo. É a única a dar luz ao feminino que está nelas.

A única, porque a grande maioria das travestis ocupa as classes mais pobres da população, foi o que revelou Kulick (2008) em sua pesquisa. Muitas são expulsas de casa muito cedo, ou fogem em razão dos maus tratamentos sofridos. E a rua se revela a única saída a essas, sem escolaridade, afinal a escola também não as quis. E para fugir da miséria e da fome, são levadas à prostituição. E como se já não bastasse, sem casas e sem famílias, ainda precisam sobreviver a toda marginalização, abandono e exclusão.

Mas suas tragédias são enfrentadas com muita força e criatividade. A rua que, para muitos se revela o lugar mais miserável que um ser humano pode chegar, essas subvertem e fazem, muitas vezes da rua, da prostituição, algo prazeroso e erótico. Segundo literatura analisada, existe na rua, todo um jogo da subversão. Essas jogam com a norma quando se sentem femininas, desejadas, cobiçadas, nas avenidas de nossas cidades.

E existe aí, todo um saber, que escapa. Toda uma construção de um contra-discurso, onde as travestis jogam com a verdade estabelecida e inventam outro discurso. Esse não higienizado, mas um saber que nasce dessa marginalização que sofrem. Como são invisibilizadas pela norma, tornam-se mais livres para inventar novas formas de resistirem a toda essa heteronormatividade. Inventam novos modos de prazer, novas formas de sexualidades, novos modos de pensarmos o gênero.

E um saber que não passa pelo escrutínio da norma, que foge ao currículo escolar, que faz com elas sejam de muitos modos em uma única sujeita. Portanto, travestilidades nesse sentido. Suas muitas formas de agirem perante a existência, seus muitos modos de atravessarem as cordas estendidas por sobre o abismo do caminho.

Um caminho de olhares taxativos, de xingamentos, de humilhações, de esquecimentos. A travesti ocupa um dos lugares mais vulneráveis da sociedade e como tal, está exposta a toda forma de violência e preconceito. Em análise feita do livro Letícia Diniz, problematizei esse caminho de lutas diárias pela sobrevivência. As humilhações na escola, a dificuldade de ir ao banheiro, que inclusive é trazida por V... revelam uma escola que ainda não aprendeu a fazer uma educação pelo outro. Essa seria uma educação que promove chances a esse outro de dizer como e quando vai aprender. Pois, o tempo dessa aprendizagem é dado por esse outro, não pelo eu. Mas estamos na escola de dois banheiros, de dois gêneros. Na escola dicotômica que parece suprimir essa outra realidade.

É essa mesma escola que faz Letícia Diniz fugir desesperada para sua casa, por não aguentar mais as humilhações sofridas por seus colegas. Essa mesma escola, que foi trazida com péssimas lembranças por minhas interlocutoras. A... ficou nela por oito anos, sendo reprovada quatro vezes, entre abusos, surras e xingamentos sofridos. E V... começa seu relato falando do episódio do banheiro, que segundo ela, iria marcá-la para o resto de sua vida. É essa experiência da vergonha, que marca o conhecimento da sexualidade para alguns. V... notou-se um sujeito de sexualidade a partir do momento que os meninos viram-na sentada no vaso sanitário e riram, debocharam, fazendo com que essa se sentisse inferior, diminuída. A negação do outro pela escola se encontrou muito presente nos relatos ouvidos. A... diz que não mais quer voltar à escola, todos iriam olhá-la. E V... fez-se cabeleireira, manicure longe da escola. Letícia Diniz se torna rica e famosa, sem nunca mais voltar à essa escola que não a entendeu. E sua escola foi a pista da Augusto. Lá ela aprendeu a pedir o dinheiro antes de fazer o programa. Lá ela aprendeu que para chamar os clientes, é necessária uma roupa bem provocante, mas que mexa com as fantasias das “mariconas”, sedentas por “paus”. Lá ela aprendeu a penetrar e ser penetrada. A dizer antes de entrar no carro, se gosta ou não de “comer os cus” dos homens. Aprendeu que antigamente, uma navalha era artigo principal na arte da sobrevivência. Mas que ainda hoje, correr da polícia é um fato inegável, segundo relatou Kulick (2008).

Diniz aprendeu desde cedo a lidar com a morte, o que se dá quando sua amiga Alicinha falece, porque injeta em seu corpo, o que para algumas é a única forma de construir-se mais feminina. A única forma, porque essas são esquecidas pela escola, indesejadas pela norma. Suas vidas não interessam; ainda não foram incorporadas ao cotidiano dessa instituição e desse modo suas expulsões são automáticas. Não se veem como sujeitas que pertencem à escola, porque essa não proporciona acolhimento, prazer. Suas presenças ainda são

percebidas com desafeto. Seus corpos insubordinados levam uma discussão para a escola, a qual ainda não se propôs a fazer.

Até quando continuaremos proporcionando tristes encontros com a educação, como nos pergunta Gallo (2012)? Por que Isabele não pode ser chamada por seu nome social, pelos professores da escola em que quer terminar o ensino médio para depois fazer uma faculdade? Afinal, onde está esse outro que insisto em não ver? Em negar?

Até quando será notícia em jornais e revistas pelo país que uma travesti foi a primeira a concluir um doutorado no Brasil? Por que essa cena não pode se tornar corriqueira? E o fato delas fazerem ou não faculdade passe a ser uma mera escolha e não uma imposição em virtude dos meandros de processos que insistimos em não discutir?

Mas em meio a tantas intempéries, provocadas pelos muitos palhaços demoníacos disfarçados na forma da segregação e do preconceito, essas se colocam em cima de um salto e se fazem presente em algumas instituições de ensino pelo Brasil. Suas presenças estão se tornando menos raras e mais efetivas nessa instituição. Revelando que seus gritos por visibilidade estão se ouvindo, mesmo que aos poucos, mas a maior de todas as jornadas começa com os primeiros passos, já dizia o poeta. E em se tratando do território educacional, onde as questões das diferenças ainda são tão problemáticas, um primeiro passo representa resistir à definição que a travesti somente existe para viver da prostituição. No entanto, que a prostituição, seja praticada por aquelas que se propõem a fazê-la. E aqui devemos pensar que, por mais que essa prática seja tão mal vista pela higienizada sociedade da norma, existem algumas que se sentem desejadas, cobiçadas; ao passar dos carros, ao olhar desejoso desses homens por seus corpos, por seus enormes glúteos, por seus “paus”. Em suas pesquisas, Kulick (2008) constata que as travestis também se divertem, quando

encontram o que elas chamam de vício, que é encontrar um homem que sentem atração e assim fazem com tesão o programa pelo qual estão sendo pagas.

Portanto, aqui nos propusemos ver as travestis por elas mesmas. Deixar que falem. Que trouxessem seus anseios, suas histórias, suas tragédias. Aliás, essas enfrentam com a maestria e a resistência que esses corpos siliconados, que essas mulheres de paus, possuem. Uma força que é delas, que é singularmente delas. Suas existências provocam desestabilizações, fazem deslocar as fronteiras. A travestilidade faz-nos repensar todos os padrões, todos os gêneros e todas as sexualidades. Propõe-nos pensar se realmente existem dois gêneros, dois banheiros, duas sexualidades, dois sexos. Falar de travestilidades é lembrar-se de insubordinação, de desejo, de vida.

Suas vidas me fizeram pensar neste outro que não pode deixar de estar em mim. Neste outro, que não pode se fazer distante, fora, à parte da escola. Que não seja pela pedagogia da dor, como trouxe Andrade (2012), mas pela pedagogia do reconhecimento, do pertencimento que as travestis façam parte da escola. Que suas existências, tão singulares, tragam o questionamento que essa instituição necessita, para finalmente trazer a diferença para seu âmago. E como disse logo no início, queria terminar, falando de começos. De um começo onde finalmente possamos falar do outro e de suas singularidades, ou, da outra e de suas insubordinações.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. N. de. **Travestis na escola: assujeitamento e/ou resistência a ordem normativa**. 2012. 278 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Legislação e normas: travestis e transexuais**. Disponível em: <<http://www.abgl.org.br/port/nomesocial.php>>. Acesso em: 1 set. 2014.

BANDEIRA, M. **Estrela da vida inteira**. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 444 p.

BARBIN, H. **Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983. 175 p. (Coleção Presença).

BENEDETTI, M. R. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. 144 p.

BUTLER, J. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. v. 1, p. 153-172.

BUTLER, J. **Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo**. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 11, p. 11-42, 1998.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993. 236 p.

COHEN, J. J. **A cultura dos monstros: sete teses**. In: SILVA, T. T. (Org.). **Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. v. 1, p. 24-60.

DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. 348 p.

FERRARI, A. (Org.). **A potencialidade do conceito de experiência para a educação**. Juiz de Fora: UFJF, 2013. 268 p.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. 176 p.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 174 p.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1994. 295 p.

FRANCO, N. **Professoras trans brasileiras: ressignificações de gênero e de sexualidades no contexto escolar**. 2014. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

GALLO, S. Imagens do outro na filosofia: o desafio da diferença. **ETD: Educação Temática Digital**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 160-178, jan./jun. 2012.

HUMEREZ, D. C. História de vida: instrumento para capacitação de dados na pesquisa qualitativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 32-37, 1998.

KULICK, D. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. 280 p.

LINO, T. R. et al. O movimento de travestis e transexuais: construindo o passado e tecendo presentes. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 2., 2011, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2011. 1 CD-ROM.

LOURO, G. L. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. v. 1, 174 p.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 96 p.

MALUF, S. Corporalidade e desejo: tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 541-543, ago./dez. 2002.

MEYER, D. E.; PARAISO, M. A. (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012. 312 p.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento científico**: pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1993. 269 p.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 80 p.

NIETZSCHE, F. **Assim falava Zaratustra**. São Paulo: M. Claret, 2000. 255 p.

PEDREIRA, M. **A inevitável história de Letícia Diniz**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. 252 p.

PELUCIO, L. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS. São Paulo: Annablume, 2009. v. 1, 263 p.

PELUCIO, L. Toda quebrada na plástica: corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. **Campos**, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 97-112, 2005.

PEREIRA, M. J. A. **O corcunda a badalar os sinos, a cingana a dançar na praça**: um debate sobre a construção histórica do sujeito homossexual. 2012. 59 f. Monografia (Especialização em Educação) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2012.

PERES, W. S. Subjetividade das travestis brasileiras: interfaces entre estigmas e construção da cidadania. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 7., 2006, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2006. 1 CD-ROM.

PERES, W. S. Travestis, escolas e processos de subjetivação. **Instrumento**, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, p. 57-66, jul./dez. 2010.

QUEIROZ, M. I. P. de et al. **Experimentos com história de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice; Revista dos Tribunais, 1988. 195 p.

REIDEL, M. **A pedagogia do salto alto: histórias de professoras transexuais e travestis na educação brasileira**. 2013. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

RIBEIRO, C. M. O imaginário das águas e o aprendizado erótico do corpo. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 35, p. 107-121, jul. 2009.

RODRIGUES, C. Butler e a desconstrução do gênero. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 179-199, jan./abr. 2005.

SALES, A. **Travestilidades e escola em narrativas de alunas travestis**. 2012. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2012.

SILVA, H. R. S. **Travestis: entre o espelho e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. v. 1, 213 p.

TEDESCO, S. Subjetividade e seu plano de produção. In: QUEIROZ, A.; CRUZ, N. V. e (Org.). **Foucault hoje?** Rio de Janeiro: 7letras, 2007. p. 140-149.

VEIGA-NETO, A. **Foucault e educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 160 p.

VILELA, E. Acontecimento e resistência: as palavras sem centro. In: KOHAN, W. (Org.). **Foucault 80 anos**. Rio de Janeiro: Autêntica, 2006. p. 107-127.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. v. 1, p. 55-83.